

A VIDA DE UM LEGENDÁRIO DEPOIS DA MORTE DO AUTOR (FR. DIOGO DO ROSÁRIO, 1585)

CRISTINA SOBRAL
UNIVERSIDADE DE LISBOA – CENTRO DE LINGUÍSTICA
<https://doi.org/10.21747/0873-1233/spi28a1>
csobral@campus.ul.pt

RESUMO: Fr. Diogo do Rosário foi o autor do primeiro legendário impresso depois do Concílio de Trento (*Historia das vidas e feitos heroicos, e obras insignes dos Sanctos*, Braga, António de Mariz, 1567). Após a sua morte, em 1580, a obra continuará a difundir-se, tendo a sua terceira edição e primeira póstuma em 1585: *Historia das vidas e feitos heroicos, e obras insignes dos Sanctos (...) Agora nesta ultima impressam emendado cō muita diligencia e acrecentado de algũas vidas de sanctos*, Lisboa, António Ribeiro. Na sequência de trabalhos anteriores em que analisei a edição de 1567, neste artigo analiso a primeira etapa da evolução do legendário, quais as alterações feitas ao *corpus* e os critérios usados na refundição dos textos.

PALAVRAS-CHAVE: Hagiografia; Legendário; Dominicanos; Trento.

ABSTRACT: Fr. Diogo do Rosário was the author of the first legendary printed after the Council of Trent (*Historia das vidas e feitos heroicos, e obras insignes dos Sanctos*, Braga, António de Mariz, 1567). After his death, in 1580, the work will continue to spread, having its third edition and first posthumous in 1585: *Historia das vidas e feitos heroicos, e obras insignes dos Sanctos (...) Agora nesta ultima impressam emendado cō muita diligencia e acrecentado de algũas vidas de sanctos*, Lisbon, António Ribeiro. Following previous works in which I analyzed the 1567 edition, in this article I analyze the first stage of the evolution of the legendary, what changes were made to the *corpus* and the criteria used in the rewriting of the texts.

KEYWORDS: Hagiography; Legendary; Dominicans; Trent.

Fr. Diogo do Rosário foi o autor do primeiro legendário impresso depois do Concílio de Trento (*Historia das vidas e feitos heroicos, e obras insignes dos Sanctos*, Braga, António de Mariz, 1567)¹. A obra teve grande aceitação, a que não foi

¹ Este trabalho constitui uma peça de uma investigação mais vasta sobre a hagiografia pós-tridentina no âmbito do

alheia a tutela do arcebispo de Braga D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, que encomendou o trabalho ao seu confrade, no âmbito das reformas tridentinas de que foi um dos praticantes em Portugal. Sobre a forma como este novo legendário, que declaradamente pretendia adequar-se aos princípios tridentinos, tratou a tradição hagiográfica que o precedeu pode já tirar algumas conclusões, em cinco trabalhos publicados ou entregues para publicação².

Segundo Inocêncio, Fr. Diogo do Rosário foi natural de Évora e prior do convento dominicano de Guimarães, onde morreu em 1580³. A sua obra, porém, sobreviveu-lhe em sucessivas reedições que atravessaram os séculos. Enquanto foi vivo, Fr. Diogo pôde, querendo, controlar a vida do seu legendário. Porém, não sabemos se o fez. Há indícios de que terá acompanhado de perto o processo de impressão da edição de 1567 mas não é certo que seja ele o responsável pelo facto de esta edição ter, pelo menos, dois estados⁴.

Em 1577, António de Mariz está em Coimbra, onde se apresenta como «Impressor e Liureyro da Vniversidade». Aí volta a imprimir o legendário, com o mesmo título⁵. Além das inevitáveis variantes gráficas e linguísticas, encontram-

projecto internacional *La hagiografía hispánica ante la Reforma protestante*, projecto FFI2017-86248-P, financiado pelo Ministério de Economía, Indústria e Competitividad de Espanha e sediado na Universidade de Alicante.

² SOBRAL, Cristina – *Um legendário à saída de Trento (Frei Diogo do Rosário, 1567)*, «Studia Aurea», 11 (2017), p. 253-272. Disponível em <http://studiaaurea.com/article/view/v11-sobral>; SOBRAL, Cristina – *O mar na hagiografia pós-tridentina (Fr. Diogo do Rosário, 1567)*, «Lusitania Sacra», 40 (2019), p. 151-167. Disponível em <https://revistas.ucp.pt/index.php/lusitaniyasacra/article/view/9757>; SOBRAL, Cristina – *Baptists and Baptisms in Post-Tridentine Hagiography (1567)*, «eHumanista» 48 (2021), p. 172-190: <https://www.ehumanista.ucsb.edu/sites/default/files/sitefiles/ehumanista/volume48/ehum48.f.sobral.pdf>;

SOBRAL, Cristina – *‘Eu preegador e apostola fui’: pregação feminina num legendário pós-tridentino português (Fr. Diogo do Rosário 1567)*, «Rilce», 36,2 (2020), p. 477-498. Disponível em <https://revistas.unav.edu/index.php/rilce/article/view/37343/34340>; SOBRAL, Cristina – *‘Nota, pio leitor...’: the hagiographical critical discourse in 1567*. In *Hispanic Hagiography before the Protestant Reformation*. Tournhout: Brepols (no prelo).

³ SILVA, Inocêncio Francisco da – *Dicionário Bibliográfico Português*. Tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858, p. 173-174.

⁴ Desta edição de 1567, a 1ª, conhecem-se quatro exemplares: três na Biblioteca Nacional de Portugal (Res. 158 V, Res. 4256 V, Res. 4257 V), e outro na Biblioteca da Faculdade de Letras de Coimbra (Arm.-2-1-3 (VI)). Este último pertenceu à Biblioteca do Visconde de Lagoa e falta-lhe a Primeira Parte. Além disso, está em mau estado, faltando os fls. 90, 94 e 127 e apresentando um fólio deslocado (o 115 entre os fls. 113 e 114). Um superficial confronto entre o primeiro dos exemplares de Lisboa e o de Coimbra revelou a existência de variantes em que o de Coimbra corrige alguns erros do de Lisboa. Há ainda variantes substantivas, gráficas e de composição (espaços, mudanças de linha e substituições de palavras). Parece ter havido recomposição de algumas páginas, embora sempre limitadas a uma mesma forma de composição, visto que, independentemente das variantes, o final de página coincide sempre, o reclamo é sempre o mesmo e está sempre correcto. Alguns erros em comum mostram que o trabalho de revisão não foi perfeito. A errata impressa no verso do último fólio da Segunda Parte informa que a Primeira, ao contrário desta, beneficiou do trabalho de um «Corrector»: «Por esta segunda parte carecer de Corrector, leua muitos erros, assi na sentença, como no apontar, ho que tudo (por euitar prolixidade) remeto aa discriçam do pio leitor: e sò pus aqui os mais famosos». Para sabermos com segurança se a revisão foi feita pelo autor ou apenas por um revisor seria preciso uma colação e exame exaustivo das variantes dos quatro exemplares, que permitiria saber quantos estados de edição existem, sendo certo que existem pelo menos dois.

⁵ ROSÁRIO, Diogo do – *Historia das vidas e feitos heroicos, e obras insignes dos Sanctos*. Coimbra: António de Mariz, 2ª ed., 1577 (Biblioteca Nacional de Portugal Res. 4267 V).

se entre as duas edições variantes substantivas a considerar. Tomemos como amostra as Vidas de Santa Apolónia, um texto breve (535 palavras), e a Vida de Santa Maria Madalena, um texto longo (6.981 palavras). No total de 7.516 palavras desta amostra contam-se 26 variantes substantivas (pouco mais de 0,3% de variação). A maior parte destas variantes (15) são erros da 1ª edição que a 2ª corrige e 4 são erros cometidos pelo tipógrafo da 2ª edição. Em nenhum destes casos se exige a participação de Diogo do Rosário e sim, apenas, de um «Corrector». As restantes 7 variantes podem ser consideradas adiaforas⁶:

1	sendo ja mulher sendo mulher
2	Auey de mim misericordia senhor auey de m̃ misericordia Auey de mim misericordia
3	adora os nossos adora os nossos deoses
4	viram a mulher mais ligeira pera cometer seu tormẽto, que eles pera executar sua malicia virã a molhe [sic] mais ligeira pera cometer seu tormento, que elles pera cometer sua malicia
5	Rica e muito fermosa fermosa e rica
6	A Hierusalem a cidade de Jerusalem
7	Bemaumenturada sancta Maria bemaumenturada Maria

À partida, não seria de excluir a intervenção do autor nestas variantes mas também é certo que todas elas se explicam facilmente como erros de composição: queda de elementos secundários ou redundantes na frase (1, 5, 7) ou o seu oposto, a explicitação mental na memória do compositor de um elemento implícito (3, 6); salto do mesmo ao mesmo (2); eco contextual (4). Nada obriga, portanto, a considerar que Fr. Diogo do Rosário tenha feito uma revisão autoral da obra quando ela foi reimpressa.

O ano de 1580 tem um peso simbólico na História de Portugal. Com Diogo do Rosário morre a independência nacional. Cinco anos depois, sairá dos prelos de António Ribeiro, impressor de Lisboa, a 3ª edição do legendário de Fr. Diogo. Esta é a primeira edição póstuma e assume-se na portada como edição «emendada»: «Agora nesta ultima impressam emendado có muita diligencia e acrescentado de algus vidas de sanctos»⁷.

⁶ A barra vertical separa as lições do exemplar Res. 158V da BNP da 1ª edição, aquele que utilizei neste trabalho, das lições do exemplar Res. 4267 V da BNP da 2ª edição. As vidas que constituem esta amostra encontram-se, na Primeira Parte, na 1ª ed., no fl. 123 e na 2ª ed. no fl. 104 (Apolónia) e, na Segunda Parte, na 1ª ed. nos fls. 53 bis.d-60a e na 2ª ed. nos fls. 57ª-62d (Madalena).

⁷ ROSÁRIO, Diogo do – *Historia das vidas e feitos heroicos, e obras insignes dos Sanctos*. Lisboa: António Ribeiro, 3ª ed., 1585 (Biblioteca Nacional de Portugal Res. 3018 V).

O que sucedeu ao legendário de Fr. Diogo do Rosário depois da morte do seu autor, quando ele já não estava presente para mandar reimprimir o livro tal como o escrevera em 1567, só com a necessária correcção dos erros? Quem assumiu a responsabilidade e a tarefa de, com diligência, emendar e acrescentar a obra? O que entendeu por «emendar»? São estas as perguntas que se impõem e, com elas, estas outras: o que se achou no legendário pós-tridentino que se anunciara como emendado e limpo de todo o apócrifo que emendar ainda? O que foi rejeitado e o que foi preferido? E quais as vidas de santos que foram acrescentadas e com que critério o foram?

Na impossibilidade de colacionar toda a obra, dada a sua grande extensão, procurarei responder a estas perguntas comparando a lista de textos que constituem o *corpus* e colacionando uma amostra constituída pelos dois textos já referidos: a vida de S. Apolónia, que Diogo do Rosário deu a ler traduzindo a versão *pastiche* que André de Resende estabeleceu no Beviário de Évora de 1548⁸, e a Vida de Maria Madalena, texto que, ao contrário de outros, não depende apenas das fontes habitualmente mais usadas (Antonino, Cláudio de Rota, André de Resende) mas foi refundido por Diogo do Rosário, que investiu aqui o seu próprio discurso, de natureza oratória e pastoral, e que investigou ele próprio fontes primárias (Silvestre de Prierio), em vez de se limitar a usar autores intermediários como para os restantes textos⁹.

1. O *corpus*

O legendário que Diogo do Rosário fez imprimir em 1567 tem 494 fólhos, extensão que levou o autor a dividir o *corpus* por duas partes com foliação autónoma, de modo que delas se pudessem fazer dois volumes cada qual com a sua encadernação: «Reparti este liuro em duas partes, porque se fosse grande volume se pudesse encadernar cada huã per sy». A primeira parte contém os meses de dezembro a maio e a segunda de junho a novembro. Cada uma tem a sua *tauoada* e abre com uma folha de rosto onde se reutiliza o material xilográfico decorativo e onde se adaptam os dizeres do título: «Historia Das vidas e feitos heroicos e obras insignes dos santos, que nesta segunda parte se contem...». A edição de 1585 elimina a divisão em partes. Faz uma *tauoada* única, no início, e, naturalmente, omite no *Proemio* a referência à divisão em partes. A foliação é sequencial e, na transição dos meses Maio para Junho, não há nenhum vestígio de que aqui se separavam as partes. Mas ficaram vestígios noutros lugares: no

⁸ Cf. SOBRAL, Cristina – *Um legendário à saída de Trento*, p. 263-264; *Breviarium Eborense*. Lisboa: Luís Rodrigues, 1548.

⁹ Cf. SOBRAL, Cristina – *‘Eu preegador e apostola fui’*: p. 481-491.

fl. 1, o texto sobre o Advento é introduzido pela didascália «Começa a primeira parte historial das vidas e feitos heroicos, e obra [sic] insignes dos Santos...» e no fl. 400d, depois de terminar a vida de Vital e Agrícola, a última coligida por Diogo do Rosário, escreve o novo editor: «Aqui acabam os doze meses do anno deste Flossanctoriũ. O qual vay todo nesta primeira parte, e não se diuidio ã duas partes, por não ser necessario». Introduce-se logo depois dois novos textos: a Vida de S. Fr. Gil de Santarém (fls. 401- 405), e a Vida de Fr. Pedro porteiro do convento de S. Domingos de Évora (fls. 405v-410).

Mesmo com a adição destes dois novos textos, que ocupam 10 fólhos, a edição de 1585 tem menos 84 fólhos do que a primeira edição, o que justifica não se ter achado necessidade de fazer dois volumes. As diferenças tipográficas não contribuíram significativamente para a diminuição do número de fólhos: B tem 47 linhas por coluna e uma média de 36 caracteres por linha e L tem 48 linhas por coluna com uma média de 37 caracteres por linha.

A primeira hipótese a colocar será a diminuição do *corpus*. Porém, a colação mostra que foram conservados todos os textos das duas edições anteriores. Há apenas duas alterações a registar e nenhuma delas implica menos textos: Crisanto e Dária, que apareciam em Dezembro (B, fl. 11), entre Bárbara e Geraldo, são deslocados para Outubro (L, fl. 375), entre Crispino e Crispiniano e Simão e Judas. Trata-se de uma correcção pertinente, já que a festa dos mártires na Igreja ocidental se celebra a 25 de Outubro. A colocação em Dezembro não tem explicação aparente, a não ser como uma herança dos legendários medievais que a colocavam neste mês, entre André e Bárbara¹⁰. A segunda alteração é o destaque dado ao chamado milagre da cera, de Évora, que Diogo do Rosário incluiu como remate da Vida de S. Manços, não porque o milagre esteja relacionado com o santo (é um milagre mariano) mas porque este é apresentado como o evangelizador da cidade alentejana e seu primeiro bispo¹¹ e, no espírito do eborense Diogo do Rosário, ambas as coisas demonstram a dignidade e o prestígio da sua cidade natal: a fundação da Igreja local por um mártir evangelizador que foi, alegadamente, discípulo de Jesus e a confirmação da protecção divina por um milagre benéfico que protegeu a população do risco de fome. A fonte deste milagre é o relato incluído por André de Resende no final do seu Breviário de Évora (1548), como declara Diogo do Rosário:

Nam he rezão que passemos cõ silencio por hũ grande milgre que a virgẽ

¹⁰ No *Flos Sanctorum* de 1513 encontra-se no fl. 7v, nesta mesma posição. Sobre os legendários medievais ibéricos, a *Leyenda de los Santos*, de 1499, e o *Flos Sanctorum em lingoage portugues*, de 1513, e a forma como o *corpus* de Fr. Diogo do Rosário se relaciona com essa herança, v. SOBRAL, Cristina – *Um legendário à saída de Trento*. Na Igreja oriental Crisanto e Dária são festejados a 19 de março.

¹¹ Cf. SOBRAL, Cristina – *Um legendário à saída de Trento*, p. 262-263.

nossa senhora fez em Euora, polo qual se faz cada anno solenne procissam na dita cidade. Escreue se este milagre na fim do breuiario Deuora, que compos o insigne varam e doutor frey Andre de Resende. (Historia, 1ª ed., fl. 257a)

O editor de 1585 nada mais faz do que dar a este relato um estatuto de maior autonomia, aplicando-lhe parte do código bibliográfico das restantes narrativas: didascália introdutora («De hũ milagre *que* fez nossa senhora ã Euora, segũdo o côta o doutor frei Andre de Resende no fim do Breuiario Deuora», fl. 210a) destacada a itálico, centrada e com espaçamento do texto. Não lhe é, no entanto, atribuída uma gravura, como a todos os restantes textos.

A terceira edição tem, portanto, os mesmos 223 textos que tinha a primeira, mais um que resulta do desbobrimento de outro e, portanto, não altera o *corpus*, e mais dois acrescentados de novo. Na análise da selecção do *corpus* feita por Diogo do Rosário (Sobral 2017) conclui o seu tradicionalismo. Apenas 62 textos (27,8% do *corpus*) não pertencem ao fundo medieval procedente da *Legenda Aurea*¹² e mesmo estes não são textos sobre santos novos ou que representassem novos modelos de santidade. Este tradicionalismo era de esperar, face às directrizes de Trento a respeito do culto dos santos, as quais recomendavam evitar as novidades e antes apurar a autenticidade, libertando as práticas devocionais dos fiéis de cultos e santos «apócrifos». Sabemos já como foi que Fr. Diogo do Rosário aplicou estas directrizes, como entendeu o conceito de apócrifo e como julgou garantir a autenticidade dos cultos¹³. Como se situam as duas novas vidas acrescentadas face a estas directrizes e face à estratégia adoptada por Diogo do Rosário para as aplicar?

A primeira constatação é que ambos os textos acrescentados são biografias de figuras portuguesas, que ampliam o pequeno santoral português de 16 textos constituído por Diogo do Rosário¹⁴. Poderíamos ser tentados a ver neste reforço uma afirmação de nacionalismo resistente, no contexto da recente perda de independência, se não fosse o facto de a nacionalização (ou regionalização) dos legendários ser desde o primeiro momento de difusão da *Legenda Aurea*, no século XIII, uma estratégia constante, seguida também por Diogo do Rosário, que duplica os oito santos portugueses dos Extravagantes do *Flos Sanctorum* de 1513.

¹² SOBRAL, Cristina – *Um legendário à saída de Trento*: p. 258-261.

¹³ Cf. os artigos referidos na n.2.

¹⁴ São as vidas dos santos António de Lisboa, Dâmaso papa, Frutuoso de Braga, Geraldo de Braga, Gonçalo de Amarante, Iria, Isabel de Portugal, Mártires de Marrocos, Martinho de Braga, Pedro de Rates, Teotónio, Tirso, Torcato, Veríssimo e suas irmãs Máxima e Júlia, Vicente e suas irmãs Sabina e Cristeta, Vítor de Braga.

Ora se o *corpus* não diminuíu, antes cresceu, a explicação para a diminuição do número de fólhos tem de estar no interior dos textos. De facto, comparando os textos escolhidos para amostra, constatamos que os de L têm menos palavras do que os de B: Apolónia tem 535 palavras em B e 511 palavras em L; Madalena tem 6981 palavras em B e 6244 palavras em L. No primeiro texto foram eliminadas 24 palavras, o que parece pouco significativo, mas a diferença ganha maior expressão na vida da Madalena, onde foram eliminadas 731 palavras. Das 7516 palavras que constituem o conjunto da amostra em B, L eliminou 755, ou seja 10%. A questão seguinte é saber o que foi eliminado, com que critério, e ainda como foram tratadas as vidas de Gil e de Pedro face a este critério.

Antes de mais importa saber qual foi a edição que serviu de base de trabalho ao editor de 1585, se a 1ª (1567), se a 2ª (1577). A colação das variantes das três edições mostra com evidência que foi a 1ª e não a 2ª que esteve sobre a mesa do terceiro editor:

B (1567)	C (1577)	L (1585)
Apolónia		
sendo ja molher	sendo molher	sendo ja molher
Auey de mim misericordia senhor auey de mĩ misericordia	Auey de mim misericordia	Auei de mĩ misericordia senhor auei de mĩ misericordia
adora os nossos	adora os nossos deoses	adora os nossos
viram a molher mais ligeyra pera cometer seu tormẽto, que eles pera executar sua malicia	virã a molhe [<i>sic</i>] mais ligeyra pera cometer seu tormento, que elles pera cometer sua malicia	virã a molher mais ligeira pera cometer seu tormento, que elles pera executar sua malicia
Madalena		
moça muito rica e muito fermosa	moça fermosa e rica	moça muito rica e fermosa
a Hierusalem	a cidade de Jerusalem	a Jerusalẽ
estam no tal lugar	estam no lugar	estam no tal lugar
a bemauenturada sancta Maria Magdalena	A bemauenturada Maria Magdalena	a b̃eauẽturada santa Maria Magdalena

O editor de 1585 é, com toda a probabilidade um dominicano, antes de mais porque acrescentou ao *corpus* as vidas de dois dominicanos. Não será de desconsiderar também o facto de a hagiografia ter estado, em geral, a partir do séc. XIII, nas mãos dos dominicanos e de a revisão da obra que continua a ser atribuída a Fr. Diogo do Rosário fazer sentido como atribuição de

outro filho de S. Domingos. A presença da *História* de Diogo do Rosário nos conventos dominicanos seria, no último quartel do séc. XVI, obrigatória, já que a estes competia a pregação e, para esta, os legendários eram instrumento indispensável¹⁵. Todos os conventos estariam certamente providos da 1ª edição. A utilização desta e não da 2ª significa que eram consideradas igualmente válidas e, portanto, indiferentes.

2. Apolónia, a formosa anciã

A Vida de Santa Apolónia compilada por Fr. Diogo do Rosário (I-123b-d) é, como já sabemos, aquela que André de Resende escreveu para o Breviário de Évora de 1548, a qual, por sua vez, resulta de uma colagem da brevíssima *passio* que Eusébio de Cesareia narra na *Historia Ecclesiastica* com elementos da *passio* de Eulália de Mérida¹⁶. Resulta assim um *pastiche* com aparência de história autêntica que é, na verdade, apócrifo, e onde subsistem elementos incoerentes que não incomodaram nem Resende nem Diogo do Rosário: uma virgem que, apesar de «mulher anciaã» (Eusébio), moveu Divino, o juiz, a uma momentânea compaixão (*passio* de Eulália) pela sua «fremosura». Como encarou o editor póstumo (L, 104b-d) esta inconsistência e como suprimiu ao texto 24 palavras?

Sem contabilizar variantes gráficas, existem apenas 19 variantes entre o texto de 1567 e o de 1585. Uma delas corrige um erro evidente¹⁷:

1	mandou acoutar mandou a açoutar
---	--

Seis são variantes linguísticas:

2	padres pais
3	se sayo saio
4	se veo veo
5	lhe dizia dizia lhe
6	nam te liura te nam liura
7	e lhe disse e disse lhe

¹⁵ Veja-se o título da obra, o qual se conserva nas três edições: *Historia das vidas e feitos heroicos e obras insignes dos santos: com muitos sermões e praticas spirituaes, que seruem a muitas festas do anno. As legendae novae* continuam a ser, tal como as planearam os iniciadores do género, Jean de Mailly, Bartolomeu de Trento e Jacopo de Varazze, antes de mais, um instrumento de trabalho para os pregadores.

¹⁶ «... segundo o breuiario de Euora, e segúdo Eusebio Cesariense, que conta somentes o seu martyrio, liuro oitauo da historia ecclesiastica». Cf. SOBRAL, Cristina – *Um legendário à saída de Trento*, p. 263-264.

¹⁷ A barra vertical separa a lição da 1ª ed., de ora em diante sempre designada B (Braga), da lição da 3ª ed., designada L (Lisboa).

Três destas variantes (2, 3, 4) são modernizadoras e dão conta da rejeição de traços linguísticos antigos que Diogo do Rosário ainda conservava: o medieval *padre* é definitivamente substituído pela forma moderna e os verbos *vir* e *sair* perdem a reflexividade que tinham no português antigo. As outras três variantes revelam a hesitação na colocação do pronome clítico mas parecem tender para a próclise. São dados de muito interesse para os linguistas. As outras 12 variantes são substantivas. Destas, 6 eliminam redundâncias, conduzindo o texto a uma *abbreviatio*, apesar da sua curta extensão:

8	E aguardada hora em que ho presidente na praça atormentaua os fiees, foy se laa e diante de todo pouo disse E aguardada hora em que ho presidente na praça atormetaua os fiees, diante de todo pouo disse
9	nam temes o rey dos reys e ho principe dos principes que he Deos nã temes o Rey dos reys que he Deos
10	E isto feito, ela muy alegre, e cada vez com mais alegria cantaua E cada vez com mais alegria cantaua
11	Uendo o tyrano sua constancia e que nada aproueitaua contra ela, mandou accender hũa grande fogueira Uendo o tirano sua constancia, mandou accender hũa grande fogueira
12	Mas a sancta virgem vendo a fogueyra A santa virgem vendo a fogueira
13	subitamente escapulio das mãos dos algozes escapulio das mãos dos algozes

Há apenas uma variante que contraria esta tendência abreviadora:

14	sendo presidente sendo então presidente
----	---

Por fim, temos cinco variantes lexicais, três das quais representam preferências conscientes, com impacto na modalização do sentido do texto:

15	habitaua moraua
16	a alta voz có alta voz
17	jrado entam em grande estremo jrado então em grande maneira
18	muy grande violencia muita violēcia
19	arrácar todos los dētes tírar todos los dētes

Se as duas primeiras (15, 16) apresentam alternativas lexicais mais ou menos indiferentes, em termos semânticos, já as três últimas são claramente atenuadoras. As três ocorrem no momento do suplício que fundamenta o

padreado e o atributo da mártir de Antioquia: representada com uma pinça de dentista, ela é padroeira dos profissionais que utilizam este instrumento e protectora contra as dores de dentes. Poderá a atenuação dos termos radicais em que o suplício era narrado em B querer evitar um *pathos* excessivo num episódio com o qual os leitores não deixariam de se identificar facilmente? Ou será antes um critério geral de refundição adoptado pelo editor póstumo?

Vejamos o que nos mostra a Vida de Maria Madalena.

3. Maria Madalena, a pregadora

A principal fonte para a Vida de Maria Madalena usada por Diogo do Rosário foi a *Legenda Aurea* de Jacopo de Varazze, através do seu editor Cláudio de Rota, mas sobre ela Diogo do Rosário fez uma refundição impressionista e dramática que promove a identificação com os fiéis e que pretende levá-los à reforma dos costumes¹⁸. Esta terá sido uma das vidas do seu legendário em que o compilador mais investiu, assumindo um discurso oratório empenhado, construindo metáforas e imagens impressivas, destinadas a tocar emotivamente os leitores, e procurando fontes primárias (Silvestre de Prierio, testemunha de uma visita ao túmulo da santa) que fundamentassem a estreita ligação entre a pregadora Madalena e os seus confrades dominicanos.

Apesar deste empenho e da qualidade literária que atinge por vezes o texto de Diogo do Rosário (veja-se a bela descrição da Madalena junto da cruz, de um lirismo tocante¹⁹), ao editor de Lisboa não custou encontrar o que emendar. No seu texto de 6244 palavras, 369 (5,9%) resultam de variação. A estas há que juntar 66 omissões de segmentos de texto, as quais, se fossem contabilizadas como uma palavra cada uma, totalizariam 6,96% de texto resultante de variação. São 274 lugares variantes, que envolvem segmentos de texto de diferentes dimensões. A edição L é, portanto, tal como se anuncia, uma edição «emendada cō muita diligencia».

Nove dos lugares variantes são emendas de pequenos erros, todos com solução óbvia:

1	elementissimo clementissimo
2	aqueas aquellas

¹⁸ SOBRAL, Cristina – ‘*Eu preegador e apostola fuy*’, p. 482-491.

¹⁹ «Esta foy a que arrimada ao pee da cruz foy encauada nela com mais crecida dor que outra nenhũa pessoa, depois de sua purissima may: porque ali tinha ela presa sua alma e o seu coraçã onde estaua seu amor: e pois todo seu bẽ, desejo e cõsolaçã estaua eçrauado na aruore da vera cruz, ali estaua juntamente presa sua alma, e com tâtos craus de angustia e dor era traspassada, quãtos tormentos vio com seus olhos que padescia ho rey da vida, que era todo seu amor. Esta gloriosa Magdalena he aquela que vio primeiro ho rey da vida resuscitado aly a par do moymento onde estaua chorando.» (II-56c)

3	principe príncipe
4	cru cruz
5	desepareceo desapareceo
6	peniteucia penitencia
7	leuado em braços dos frades do bem auenturado padre leuado em braços dos frades o bem auenturado padre
8	Helias, começou a dizer aos romeiros que os seguiam e que estauam imitados a lagrimas, vendo sua sanctidade Helias, começou a dizer aos romeiros que os seguiam e que estauam mouidos a lagrimas, vendo sua santidade
9	biboras apegados biboras apegadas

Apenas um (8), sendo um erro evidente, não era de correção única, como mostra o facto de a 2ª edição ter feito uma correcção diferente: *incitados*. Note-se que esta é uma correcção melhor do que a que fez o 3º editor, que confirma, assim, ter usado a 1ª edição e não a 2ª, já que, se fosse esta a usada, não teria motivo para rejeitar a lição do seu modelo. L corrige todos os erros de B e apenas comete, ele próprio, um erro (*quas* por *quaes*), o que abona a favor da atenção posta no trabalho, tanto pelo editor como pelo impressor.

A comparação entre as duas edições, a de 1567 e a de 1585, revela aos linguistas a evolução de alguns traços distintivos do período moderno da História da Língua. Por exemplo, a substituição da ênclise pela próclise. O fenómeno só se consolidou no século XVIII mas está em evolução desde o início do século XVI e a tendência parece ter-se invertido já em 1585:

10	se lauar e alimpar nela lauar se e alimpar se nella
11	lhe perdoou seus peccados perdoou lhe seus peccados
12	e a recebeo e recebeo a
13	e lhe disse e disse lhe
14	e lhe mostrou e mostrou lhe
15	e se acolheo e acolheo se
16	lhe mandou mãdou lhe
17	me enfadey ãfadei me
18	te conselho e te rogo acõselho te e rogo te

A este conjunto de dados há que somar os que se colhem na Vida de Santa Apolónia, atrás mencionados.

Com uma única excepção, L substitui todas as ocorrências do advérbio apo-

copado *my* que não se subsumem no seu processo de *abbreviatio* por formas inteiras: são 13 substituições de *my* por *muito*. Do mesmo modo, com uma única excepção, substitui todas as formas contraídas do pronome indefinido com o artigo, *todosos* (não contando uma ocorrência que é eliminada no processo de *abbreviatio*), por formas sem artigo (*todos*) ou formas não contraídas (*todos os*). São sete substituições. E ainda as formas comuns em género de substantivos e adjectivos terminados em [-or] sofrem também evolução: há 10 ocorrências da palavra *peccador* referida a Maria Madalena ou como qualificativo de *molher*. Destas, uma desaparece subsumida em operações de *abbreviatio* e as restantes são todas substituídas pela moderna forma feminina. Porém, curiosamente, a operação de modernização que se aplicou a este vocábulo não foi aplicada a outros semelhantes e, assim, L conserva as formas comuns em *pregador*, *louuador* e *procurador*, sempre referidas a Maria Madalena (uma ocorrência de cada).

Também a conjugação reflexa dos verbos de movimento seguida de complemento circunstancial de lugar tem tendência a desaparecer, tal como aconteceu atrás, no texto sobre Apolónia:

19	foy se la foi la
20	chegando se mais perto chegãdo mais perto

O verbo *haver* como auxiliar tem tendência para ser substituído pelo verbo *ter*:

21	auia ... visto ... e auia desejado tinha visto ... e as tinha desejado
22	ho qual auia seruido a sancta o qual tinha seruido a santa
23	auer recebido ter recebido

Algumas palavras de uso pouco frequente ou antigo são substituídas por formas mais modernas ou designações mais modernas da mesma actividade (26)²⁰:

24	dientas jornadas
25	sempre em mentes viui sempre e quanto viui

²⁰ A palavra *cavalaria* ocorre no *Livro das Obras de Garcia de Resende* (de 1545) apenas uma vez, em flagrante contraste com as 55 ocorrências na *Crónica Geral de Espanha (Livro das Obras de Garcia de Resende*. Ed. crítica por Evelina Vedelho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994; PEDROSA, Marta – *Reconstituição do ms. L da Crónica Geral de Espanha de 1344 (1ª parte)*. Relatório final de Estágio do Mestrado em Crítica Textual. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 2012; MIRANDA, Sílvia – *Reconstituição do ms. L da Crónica Geral de Espanha de 1344 (2ª parte)*. Relatório final de Estágio do Mestrado em Crítica Textual. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 2013).

26	exercício da cauallaria e da guerra exercício das armas e da guerra
27	foy acesa a bemaumenturada Maria Magdalena foi abrasada a bēaumenturada Maria Madalena

No último caso (27), não se trata de rejeitar uma palavra em desuso e sim de substituir uma palavra de atestação antiga na língua por uma de entrada mais recente (Machado data *abrasado* do séc. XVI). Também o facto de, por oito vezes, o editor eliminar a conjunção coordenativa copulativa, sobretudo em início de frase, aproxima-o de uma sintaxe mais moderna. Percebemos, assim, que, se a modernização linguística não foi uma motivação do trabalho deste editor, foi, pelo menos, uma consequência.

No entanto, também se encontram exemplos que parecem contrariá-la:

28	a que primeiro relatou a <i>que</i> primeiro publicou
29	habitando morádo
30	habitaua moraua
31	e relataram lhe tudo e cōtarā lhe tudo
32	tendo teu marido e tu tanta copia de riquezas tendo teu marido e tu tantas riquezas
33	querendo se partir pera a patria querendo se partir pera sua terra

A preferência por *morar* em vez de *habitar*, como já tínhamos encontrado em Apolónia, não pode deixar de registar-se como uma sistemática rejeição de uma forma culta, que só deu entrada na língua no séc. XVI. O mesmo sucede com a substituição do moderno verbo *relatar* pelos antigos *publicar* (numa variante com a antiga alternância de consoantes líquidas) e *contar* e ainda com a locução adverbial de quantidade *cópia de*. Machado situa as mais antigas atestações de *habitar* e *relatar* n’*Os Lusíadas*. Já *pátria* é palavra mais antiga mas sem atestações anteriores a 1426 (segundo Machado). Parece, portanto, que, como é habitual, a evolução linguística não se fez de forma linear e que nas escolhas do editor-revisor pesaram os seus próprios hábitos e preferências. São elas também que justificam a substituição do plural pelo singular e vice-versa em casos como estes:

34	nos ares no ar
35	as suaues melodias dos anjos a suaue melodia dos anjos
36	dando lhe rendas dādo lhe řēda
37	nam nos faltaraa folha não nos faltarão folhas

A variação no uso de preposições também parece não ser motivada senão por idiosincrasia do editor. Por exemplo:

38	penitencia nas cousas com que peccou penitencia com as cousas com <i>que</i> peccou
39	deixar beijar seus pees per aquela molher deixar beijar seus pees aaquela molher
40	determiney de fogir determinei fogir
41	e de como e como
42	aqueles que tocaram aos pees de Jesu aquelles que tocaram os pees de Jesu
43	ir a Roma a ver o apostolo ir a Roma ver o apostolo

Várias outras escolhas lexicais não evidenciam uma motivação óbvia:

44	nos olharmos a nos. nos vermos a nos.
45	na sexta feira da paixam na sexta feira d'endoças
46	he como a casca da fruita, que em tirando a casca a hũa pera ou maçã apodrece e se perde. he como a casca da fruita; <i>que como a tirã aa</i> pera ou maçã, logo se perde ou apodrece.
47	por estar propinqua ao parto por estar chegada ao parto
48	do dito sacerdote a este sacerdote
49	esta marauilhosa sancta esta gloriosa santa
50	ex me aqui vim aqui
51	dahy a hũa hora espirou dahi a pouco espirou
52	nosso saluador nosso senhor
53	mas tornarão liures polo diuino poder mas forã liures polo diuino poder
54	fabricou hũa cella pera sy fez hũa cella pera sy
55	depois da hora depois de hũa hora
56	e vëdo os a sancta Magdalena amoestou hos E vendo os a gloriosa santa amoestou os
57	E caindo na conta de ser aquilo mysterio E entendendo ser aquilo misterio

Há pelo menos mais 40 variantes que parecem ter sido motivadas por um desejo de regularização formal, sintáctica mas também retórica, lógica e mesmo narrativa. Vejamos alguns exemplos de regularização sintáctica:

58	Ho motiuo e occasiam que tomou esta sancta Magdalena pera se conuerter, inda que o euangelho o nam exprima, pode se creer (como diz sácto Antonino) piamente que de ouuir preegar o saluador A occasiam de se conuerter esta santa (como diz santo Antonino) pode se crer piadosamente que foi de ouuir preegar o Saluador
59	A primeira ho temor de Deos. A primeira he ho temor de Deos.
60	mais vontade tenho de chorar que de algũa cousa dizer mais vôtade tenho de chorar que de dizer algũa cousa
61	Muitas vezes auia com seus olhos visto as cousas vaãs Muitas vezes tinha visto com seus olhos as cousas vaãs
62	desejando dela ser certificado desejando ser della certificado
63	conheçamos como he Deos marauilhoso nos seus sanctos. conheçamos como deos he marauilhoso nos seus sanctos
64	Mostraram me tambem nũa arredoma Tambẽ me mostrarã nũa arredoma
65	Jsto Egesipo Jsto he de Egesipo
66	ho dito Rey, confiando nos seus merecimentos, se encomendou com muita deuaçam aa gloriosa Magdalena jejuando e confessando se, e derramando mujtas lagrimas ho dito Rey, se encomẽdou aa gloriosa Madalena, cõfiando nos seus merecimeõs, jejuando e confessando se, e derramando muitas lagrimas.
67	claramente ferue aquela terra, como que pareça feruer aly sangue. claramente ferue aquela terra, que parece feruer ali sangue
68	Entre Narbona e Barcelona hay caminho de tres grandes dientas (De Barcelona a Narbona ha tres jornadas de caminho

De forma pouco hábil, na variante 58, Diogo do Rosário intercalou a referência à fonte entre o predicado e o complemento circunstancial de modo, cortando o ritmo da frase e a lógica do discurso. A antecipação da fonte resolve esse problema. Além disso, a frase completiva, a que faltava o predicado, foi também corrigida. Preencher a lacuna do predicado foi o que fez o editor nas variantes 59 e 65. Já nas variantes 60, 61 e 63, reordenações dos elementos da frase resultam numa sintaxe mais moderna e mais simples. A colocação do verbo no final da frase (60) ou depois do sujeito (63), comuns na sintaxe medieval, deixa de agradar, tal como a separação do verbo do seu auxiliar (61), esta de forma hesitante, dada a reordenação oposta em 62, onde parece ter prevalecido a ordem predicado + predicativo do sujeito, função que parece ter sido atribuída a *della certificado*. A deslocação de *também* para o início da frase (64) corrige a interpretação do advérbio como inclusivo da acção (*me mostrarã*) e não do conteúdo da redoma, como poderia ser lido na estrutura de Diogo do Rosário.

Na variante 66, a sintaxe fica mais racional e clara depois de reordenados os elementos de modo a juntar em sequência os gerúndios que designam uma série de práticas devocionais contínuas, que são presididas por uma prévia e pontual dedicação à santa. O mesmo sucede na variante 67, onde B tinha uma construção sintáctica rebarbativa, com um inesperado conjuntivo, que L simplifica e racionaliza. A variante 68 é ainda um caso de racionalização do discurso: primeiro o segmento de espaço que vai ser medido (*De Barcelona a Narbona*), com a frase introduzida pela preposição que melhor exprime percurso de um ponto a outro (o dinâmico *De* e não o estático *Entre*), depois o predicado que exprime a afirmação (*ha*), depois a medida (*tres*), depois a unidade (*jornadas de caminho*). As palavras que em L designam a unidade estão, em B, separadas e com a ordem invertida, o que faz com que *caminho* não se refira a uma unidade de medida mas apenas designe o conceito de distância.

A estética também preocupou o editor/revisor:

69	lugar onde Christo preegaua, enfeitada e ornada como vaã, e de vãos acompanhada. E o senhor que sabia veo enfeitada e ornada ao lugar onde o senhor preegaua. E o rey eterno que sabia
70	que lhe auia apparecido e a auia cósolado que lhe aparecera e a cósolara .
71	auia visto vira
72	lhes auia acontecido lhe acontecera

No primeiro exemplo, a refundição é essencialmente motivada pela *abbreviatio* e levou à substituição de *Christo* por *o senhor*, palavra que veio ocupar posição final na primeira frase. Copiar a segunda frase de B resultaria numa inestética repetição de *o senhor*, o que determinou a substituição por *o rey eterno*. Entendo como preocupação estética e como busca de uma expressão mais literária as outras três variantes, em que se substitui o imperfeito composto do indicativo pelo mais-que-perfeito, sem esquecer que há também aqui uma poupança de palavras própria da *abbreviatio*.

Alguns lugares de B mostravam falta de propriedade na expressão, imprecisão ou mesmo inconsistência narrativa, o que tudo o editor de L procurou remediar:

73	polas vilas e lugares onde o senhor euágelizaua o reyno de Deos polas vilas e lugares onde o <i>senhor</i> andaua preegando o reino de Deos
74	Maximino, que fora hum dos setenta e dous discipolos Maximino (<i>que era</i> hũ dos setẽta e dous discipulos)
75	entrou em hũa nao e voltou pera sua terra entrou ã hũa nao pera ir aa sua terra
76	como quem nunca tal vira como quẽ nunca vio homẽ

77	E chegando se ho peregrino mais perto E chegádo o pai mais perto
----	--

Não é adequado atribuir ao verbo *evangelizar* (73) um complemento directo que não designa a pessoa evangelizada mas a matéria da evangelização. O verbo é usado em B como rigoroso sinónimo de pregar, por isso L prefere usar o verbo próprio. Quanto a Maximino (74), é claro que a ausência de Jesus da Terra não extingue a sua condição de discípulo. O imperfeito do indicativo, com valor de presente, é aqui o tempo mais adequado a exprimir a intemporalidade dessa condição. As duas últimas variantes clarificam o que está em causa: o que o menino perdido na ilha com a sua mãe nunca vira (76) era exactamente um homem e não apenas qualquer outra circunstância associada à chegada deste ser que lhe causa espanto. Pareceu bem, ainda, clarificar que o momento é importante, pois não é apenas um qualquer peregrino (77) que aporta à ilha mas o próprio pai da criança, o qual julgava que ela tinha morrido. Este importante episódio da narrativa da conversão dos príncipes da Provença ocorre durante o regresso do príncipe à sua terra, por isso não é coerente dar o regresso, no seu ponto inicial, como acção concluída (*e voltou pera sua terra*, 75). Melhor será deixar claro que se trata apenas do início de uma viagem (*pera ir aa sua terra*) que, antes de terminar, ainda trará peripécias.

A *abbreviatio* é, sem dúvida, o mais importante critério de refundição: podemos contar 122 variantes claramente com esta motivação. Na impossibilidade de aqui as apresentar exaustivamente, procurarei dar alguns exemplos significativos.

Uma forma de economizar espaço e discurso é simplificar ou sintetizar nomes, adjectivos e epítetos de personagens ou entidades divinas:

78	o seu sanctissimo coração o seu coração
79	sam Gregorio papa sam Gregorio
80	vngio aqueles sacratissimos pees os vngio
81	da virgẽ sacratissima nossa senhora da virgẽ nossa senhora
82	os sanctissimos pees do redemptor os pees do Redentor
83	ho nobre príncipe o príncipe
84	a bemauenturada sancta Maria Magdalena a bẽaũeturada Madalena
85	a gloriosa Maria Magdalena a gloriosa Madalena
86	seruio a Deos nosso senhor seruio ao Senhor
87	Deos nosso senhor Deos
88	Jesu Christo nosso senhor Christo

89	dos sanctos anjos dos Anjos
90	gloriosa sancta Maria Magdalena gloriosa Magdalena
91	virgem Maria may de Deos virgem nossa senhora
92	ao senhor Jesu Christo a Jesu Christo

Há apenas um só caso contrário, de adição de um epíteto:

93	o saluador o Saluador e redētor nosso
----	--

Abreviar o texto sem afectar a essência da informação que ele contém exige um cuidadoso e atento trabalho de detecção de elementos não essenciais. Cabem nesta categoria, antes de mais, os elementos de duplicações redundantes, as quais constituem um conhecido recurso retórico da prosa medieval. Diogo do Rosário ainda usava abundantemente este recurso medieval mas o editor de 1585 conseguiu eliminar todas as duplicações, suprimindo-lhes um dos elementos. São 21 casos:

94	muita e muy grossa fazenda muita fazenda.
95	fermosa e vaã e curiosa fermosa e vaã
96	coraçam ferido e mouido a penitência coraçam mouido a penitência
97	persuadindo e ganhando gente ganhando gente
98	hum liquor e vnguento preciosíssimo. hum vnguento preciosíssimo
99	gestos e mouimentos do corpo mouimentos do corpo
100	manchas ou magoas magoas
101	cousa mal gastada e prodigalidade cousa mal gastada
102	todo seu bẽ, desejo e cõsolaçã todo seu bẽ
103	apostola e messageira apostola
104	forã se recolher e repousar forã se recolher
105	a preegar e a persuadir a preegar
106	atonitos e espantados espantados
107	sua eloquencia e copia de dizer sua eloquência
108	procedessem e saissent palauras saissent palauras
109	eloquentes e de singular consolaçam eloquentes
110	offerecer seus votos e sacrificios a offerecer sacrificios
111	gozando as dilicias e riquezas gozãdo das riquezas
112	lugar secreto e apartado lugar secreto
113	arredoma ou ambola de vidro arredoma de vidro

114	reuerencia e honra reuerencia
-----	---------------------------------

Em dois casos, a duplicação resolve-se por síntese num terceiro elemento:

115	nã hai disposiçã nã lugar não ha maneira
116	a dor e afliçam que o apertou a paixão que teue

Abreviar é também o exercício de eliminar aqueles elementos que, sem serem duplicações, podem ser inferidos ou que ficam implícitos no que sobrevive. Em suma, eliminar redundâncias:

117	e foy filha de Syro e sua may se chamaua Eucharia Foy filha de Syro e de Eucharia
118	era hũa villa sita junto da cidade de Hierusalem era hũa villa jũto de Jerusalẽ
119	peccam com o remordimento da consciencia, e andam scrupleando. Ho que não fazem os que peccam de malicia, e que tem ja perdido o temor de Deos: e estes bebem hos peccados como agoa, peccam com o remordimento da cõsciẽcia. Mas os que tem perdido o temor de deos bebe~ os peccados como agoa
120	grãde multidad e copia de gente de toda sorte grande multidão de gente
121	Estas e outras semellãtes palauras cheas de penitencia e de humildade dizia Estas e outras semelhãtes palauras dizia
122	E posta de joelhos , prostrada, em terra e prostrada em terra
123	E porque dentro no seu coraçã tinha aceso hum fogo de vergonha, nam ouue vergonha dos conuidados E porque dẽtro no seu coração tinha aceso hũ fogo de vergonha, nã na teue dos cõuidados.
124	beijando com a mesma boca, e imprimindo beijos cõ a mesma boca, imprimindo beijos
125	muitos perfumes de species aromaticas pera o gosto e deleitaçam da carne muitos perfumes
126	Quantas maneiras e modos achou pera offender a Deos, tantas inuentou agora de sacrificios e seruiços do mesmo senhor. Conuerteo ao numero das virtudes ho numero [sic] dos peccados. pera que tudo aquilo seruisse a Deos depois com paciencia, que antes o auia offendido por culpa. Quãtas maneiras e modos achou pera offender a Deos, tantas inuentou agora de sacrificios e seruiços do mesmo senhor.
127	e se queixe de vos, e peça a Deos justiça contra vos e se queixe de vos
128	Nam ha de faltar quem murmure de vos, inda que vos vades aos pees de Jesu Christo: inda ahy achareys quem de vos murmure. Não ha de faltar quẽ murmure de vos, inda que vos vades aos pees de Jesu Christo.
129	e se punha por ela a escusar docemente e escusaua a docemente

130	se apartassem da adoraçã m dos ydolos se apartassem dos idolos
131	disse que tãbem ela tinha aquele desejo e que queria hir cõ ele disse que queria ir cõ ele
132	es homem ou creatura algũ , capaz de rezam , es criatura racional
133	hum deserto solitario hũ deserto
134	E todos me affirmaram sem nenhũa duuida que todolos annos do mundo E affirmará me <i>que todos os</i> annos
135	chamando Carlos com hũa voz sonora e per seu proprio nome chamando Carlos cõ hũa voz sonora

Note-se que alguns destes casos podem ter motivação múltipla. Por exemplo, a variante 123, que poderá ter, além da abreviativa, uma intenção estética, julgando o editor eliminar uma repetição formalmente indesejável, sem entender que com ela Diogo do Rosário quis construir um paralelismo expressivo. A consequência destas omissões é, aliás, quase sempre a perda de expressividade. Veja-se a variante 125, onde a descrição do pecado e dos seus perigos perde intensidade e efeito de contraste com a virtude recém-adquirida da santa convertida, assim como na variante 121 é o efeito da força do seu arrependimento que fica menos visível.

Finalmente, é preciso fazer alguns cortes em discurso menos redundante, identificando informação que possa ser considerada secundária, não essencial:

136	alguns bebem os peccados como agoa, e sam aqueles que perderam a vergonha ao mundo, e o temor a Deos . algũs bebẽ os peccados como agoa (53bisd)
137	administraua cõ muy grande prudencia a sua herança administraua a sua herança (55 ^a)
138	hia aos lugares onde auia cõcurso de homẽs e de mancebos, e assi veo ao lugar onde Christo preegaua , enfeitada e ornada como vaã, e de vãos acompanhada . veo enfeitada e ornada ao lugar onde o seõor preegaua (55 ^a -b)
139	Aa minha conta vam todolos delictos dos que por minha ocasiam peccam, por todos mereço eu ser castigada. Outro mayor inferno ouuera Deos de fazer pera mym soo, pois que eu soo tenho mais culpas que todolos peccadores juntos . Aa minha conta vam todos delitos dos que por minha ocasião peccã, por todos mereço eu ser castigada, etc..
140	repete lhẽs o sermam de vida que todos auiaõ ouuido, pondera pontos dele . repete lhẽs o sermão da vida <i>que</i> todos tinhã ouuido.

141	Hos cabelos tam curados e tam estimados como fios d'ouro com que se enfeitaua e ornaua per toda a arte gloriado se deles Os cabelos tam estimados com que se ornaua
142	Se julgauas que era ma quando muito ria, porque nam julgas agora que he boa, pois que tanto chora? Deixa ha, que amargura tem na alma, ja nam he a que sohia, ja nam viue em prazeres senam em pesares, ja nam em risos vãos senam em choros, ja nam em deleytes senam em tristeza e angustia. Se julgauas que era maa quádo muito ria, porque não julgas agora que he boa, pois que tanto chora? (57d-56 ^a)
143	que o que de vos estaa sem peccado tire a primeira pedra. Ja estaa pronunciada esta sentencia²¹ polo filho de Deos. Ja passou isto em cousa julgada, guardemo lo assi. o que de vos estaa sem peccado tire a primeira pedra.
144	importunou ho ela tanto (segundo a condiçã das molheres) que se lançou a seus pees, derramando muitas lagrimas, e rogãdo lhe que lhe outorgasse o que lhe pedia. E concertados de irê åbos juntos, sinou os a gloriosa Magdalena có o sinal da cru [sic] e entrará e hũa nao importunou o ella tâto, que determinará de ir ambos: e a gloriosa Madalena lhe fez o sinal da cruz, e êtrará e hũa nao
145	como pola morte que esperaua do menino que choraua como pola do minino que cedo esperaua
146	peitou grossamente os marinheiros peitou aos marinheiros
147	e vio ho menino andar na praya do mar brincando com as pedrinhas e conchas (como acostumam hos meninos e ele acostumaua de fazer.) e vio o minino andar na praya do mar brincando có as pedrinhas e conchas.
148	e se acolheo aos peitos da may, e se escondeo debaixo do manto. e acolheo se aos peitos da mãi
149	nam podia ir mais adiante, inda que ele se esforçaua nã podia ir mais adiante
150	outras cousas dela, que nam se acham, nem na sua leenda, nem nas chronicas vulgares: as quaes cousas tirey do doctissimo frey Siluestre de Prierio outras cousas della, as quas tirei do doutissimo frei Siluestre de Prierio
151	Portanto vay laa, e acha las has com estes sinaes. Acharas hũa vide Portãto vai laa, e acharas hũa vide
152	Diz mais este doutor digno de fee, Ja que comecey tratar das excellencias de sancta Maria Magdalena, contarey inda algũas cousas que aly [sic], pera satisfazer, segundo a posse e forças a tamanho amor e affeiçã. No anno do senhor de mil e trezentos e setenta Diz mais este doutor dino de fee, que no anno do senhor de mil e trezentos e setenta

²¹ O compositor de Pedro de Mariz pode ter sido espanhol, o que explicaria alguns castelhanismos que se encontram no texto de 1567: *hay* por *há*, *sentencia* por *setença*, por exemplo.

153	com tam sereno e resprandecente vulto, que nam podia olhar para ela , cuberta toda de cabellos cô o rosto resprãdecete , cuberta de cabelos
154	mas ouue ho que te quero dizer, e depois faze ho que quiseres, Como ouirias dizer , muitos viemos de Hierusalem Ouue agora o <i>que te digo</i> . Muitos viemos de Jerusalẽ
155	como eu apparecesse subitamente na lapa . Leuntou se como eu apparecesse leuntou se
156	Fiquey muy espantada da visão e lançando me prostrada em terra cô muitas lagrimas adorey ao senhor dizendo, Graças vos dou senhor Jesu Christo, que me enchestes do vosso amor: mas peço uos que me deys nesta rocha hũa fonte. Fendendo se logo diante de meus olhos este grande penedo. Fiquey muito espantada da visão, e cô muitas lagrimas dei graças ao senhor e pidi lhe que me desse hũa fonte nesta rocha. E logo se fendeo este grande penedo
157	Tudo isto tirey fielmente do liuro que ahy me mostraram . Tee aqui Siluestre Tee qui Siluestre

O que foi considerado não essencial foram certas explicitações (136, 151), algumas qualidades das personagens (137, 153), expressões qualificadoras, quantificadoras ou intnsificadoras em geral (146, 149, 153, 155), elementos contextuais (138) e elementos do discurso das personagens (139, 154, 156) ou do narrador-orador (142, 143). Acções das personagens que formam sequência com outras (140, 144, 148, 156) também foram desvalorizadas, bem como considerações sobre as fontes usadas (150) ou citação do seu texto que não acrescenta informação factual (152, 157).

A distinção entre a informação que aqui se perde e a eliminação de redundâncias é ténue, porque também aqui não se perde nada que ponha em causa a compreensão objectiva do texto. Perde-se, sim, efeito literário e efeito persuasivo. Por exemplo, a dramatização da conversão de Maria, que foi objecto de um apurado empenho por parte de Diogo do Rosário, perde elementos importantes, não para a informação sobre o que se passou mas para a percepção do significado que teve. A descrição da ida de Maria à pregação de Jesus é descontextualizada dos seus hábitos pecaminosos e da companhia que levava (138), o seu discurso de arrependimento é truncado (139), o efeito inesperado da transformação da pecadora em pregadora atenua-se com a supressão de um elemento eminentemente oratório (*pondera pontos dele*, 140) e o contraste da nova Madalena, que tem nos cabelos selvagens o seu atributo iconográfico, com a antiga Madalena atenua-se com a perda da metáfora que os descreve e da multiplicidade de verbos que dão a ver, de forma impressionista a sua sofisticação (141). Em tudo isto perde-se o efeito do contraste. Perde-se

igualmente o efeito retórico da anáfora (*ja nam...*) da variante 142 e o peso oratório da alegação escriturística, truncada na variante 143. Assim, o episódio da conversão da Madalena, cuidadosamente refundido por Diogo do Rosário, torna-se mais objectivo, a acção mais concentrada, os contornos esbatem-se mas atenua-se o efeito de identificação com que o seu autor pretendia comover o leitor e levá-lo à reforma dos costumes.

Da mesma forma fica truncada a acção protagonizada pela princesa da Provença na variante 144, sem os seus elementos dramáticos e emotivos, resumida às acções essenciais, a importunação da princesa e a decisão de partirem juntos. Os àpartes são, também, elementos secundários que podem cair (147). Fica também diminuída a possibilidade de identificação do leitor com o sofrimento do pai que prevê a morte do seu filho (145). Porque em L a criança não chora, a pungência desta sequência narrativa é menor.

O milagre final (156), em que, pela penitência da santa, do deserto árido e venenoso nasce uma fonte de água pura, perde vigor na mesma medida em que se reduz a série de actos emotivos (*lançando me prostrada em terra*) e se resume o discurso directo a discurso indirecto.

No que diz respeito ao tratamento da fonte constituída pela obra de Silvestre de Prierio, as supressões não apagam informação factual mas permitem a erosão da relação primária de Diogo do Rosário com esta fonte, relação esta única no legendário. Certamente por isso ele quis acentuá-la, fazendo notar a sua novidade (150), alegando o seu estatuto de testemunha ocular (152)²² e a dependência de fontes autênticas (157), como pedia Trento. Esta preocupação não é partilhada pelo editor de L.

A motivação abreviadora teve como consequência, portanto, uma certa atenuação da dramaticidade e da intensidade retórica do texto. Porém, há motivos para crer que essa atenuação pode não ser apenas um efeito colateral e sim um efeito conscientemente procurado, visto que há variantes onde, sem economia de palavras, se produz atenuação do sentido:

158	virgẽ prudētissima virgẽ prudēte
159	deshonesta na alma, e no corpo em sua casa, como acõtece a muitas mulheres nobres e ricas deshonesta na alma, e no corpo ã sua casa, como acõtece a algũas mulheres.
160	E dando infinitas graças a Deos E dão muitas graças a Deos
161	preegaua com grandissimo feruor preegaua com grande feruor
162	hum grandissimo tormento hũ grande tormento

²² Note-se que em B existe uma lacuna que é determinante para a percepção deste testemunho ocular: «contarey inda algũas cousas que aly [...]». Falta o verbo, *vi*, erro que a 2ª edição não notou e não corrigiu. Esta lacuna pode ter influenciado a percepção pelo editor de 1585 da menor importância deste segmento de texto.

163	E auendo muy grande medo E auendo eu grande medo
-----	--

Substitui-se os superlativos dos adjectivos pelo seu grau normal (158, 161, 162), elimina-se o advérbio de quantidade (163) ou reduz-se o grau de abrangência dos quantificadores (159, 160), tudo isto sem perda de palavras. Noutros casos a economia é tão escassa que não podemos deixar de considerar que se trata mais de obter atenuação do que abreviação:

164	E notay como se desfaz com penitencia E notai como faz penitencia
165	Se nam ouuer apóstolos nem phariseus, e vos puserdes num cantinho de vossa casa Se não ouuer apóstolos nẽ fariseus, e vos puserdes num canto de vossa casa
166	encrauada nela com mais crecida dor encrauada nella cõ maior dor
167	se encomendou com muita deuaçam se encomẽdou
168	per muitas vezes por vezes
169	d'agoa muy fria e muy linda d'agoa fria e boa
170	seu muy grande pescoço seu grande pescoço

Apesar da substituição de um diminutivo pela forma normal do substantivo (165), é esta que atenua o discurso, visto que o diminutivo intensificava a inocência de quem é fatalmente objecto de murmuração. Em 166 perde-se a conotação angustiante de uma dor que se viu aumentar e em 164 perde-se a conotação de radicalismo penitencial. Note-se ainda a substituição dos adjectivos *lindalboa* (169), que também implica atenuação.

Vejamus de novo um lugar variante onde já apontei a atenuação do quantificador:

171	deshonesta na alma, e no corpo em sua casa, como acótece a muitas mulheres nobres e ricas deshonesta na alma, e no corpo ẽ sua casa, como acótece a algũas mulheres.
-----	--

São também os adjectivos de *mulheres* que desaparecem. E assim, vista no seu conjunto, esta variante não pode deixar de ser entendida como uma tentativa de atenuar a incisiva crítica de costumes, dirigida por Diogo do Rosário especificamente à elite social.

O corpo e o pecado carnal parecem ser também aspectos da narrativa rosariana que o editor de L quis atenuar:

172	Eu sou a enuador de peccados [<i>sic</i>], eu sou a rede com que o demonio muitos pesca. Eu sou a vaã , eu sou a rede cõ que o demonio muitos pesca.
173	com suas lasciuias e vaydades de enamorada vaã e torpe cõ suas vaidades e galantarias

174	os namorados da carne se tornaram namorados do espírito e de torpes e carnaes se tornaram limpos e castos. os namorados da carne, se tornaram namorados do espírito
175	Quando Adam peccou, logo procurou cobrir sua nudeza com folhas Quando Adam peccou, logo procurou cobrir se com folhas
176	por nam ter quem lhe desse o peito por não ter quem o criasse
177	se conuerteo em flamma e lambeo toda esta lapa, de maneira que consumio todas as fezes immundas das biboras, e fez este lugar mui limpo e cheiroso se conuerteo em flamma e cõsumio todas as bichas e immundicias de toda esta lapa, e ficou este lugar muito limpo e cheiroso

A imaginação pecaminosa de Maria, com a sua conotação superlativa, dá lugar à simples vaidade (172) e as expressões mais fortes do pecado (*lasciuías, torpe, torpes*), que remetem inequivocamente para a sua relação com o corpo, são eliminadas (174) ou dão lugar a umas mais inócuas *galantarias* (173). A própria evocação da nudez já não é aceite (175) e a amamentação, exposta na referência explícita ao peito da mãe (176), é substituída por um eufemismo. Por fim (177), na descrição da purificação pelo anjo S. Miguel da lapa cheia de víboras, desaparecem os termos mais fortes, *lambeo* e *fezes*, cuja associação na mesma frase pode ser entendida como especialmente chocante. Resta a palavra menos desagradável, *immundicias*, e até as *biboras* são substituídas por *bichas*.

Não há dúvida, portanto, de que a motivação do editor não foi apenas a redução da extensão do texto, foi também a atenuação do seu sentido mais forte, reduzindo em geral a intensidade e a dramaticidade do discurso e expurgando-o de elementos que possam ser considerados indecorosos. Temos, assim, uma Vida de Maria Madalena asseptizada no que diz respeito ao sentido do texto e também linguisticamente modernizada e retorica e formalmente higienizada.

4. Gil e o pacto teofiliano

São Fr. Gil de Santarém (†1264) foi um médico dominicano que estudou em Paris no primeiro quartel do séc. XIII e que Fr. Gerardo de Frachet, que o conheceu, descreve como um famoso, erudito e exemplar homem de indubitável autoridade²³. Foi também amigo de Fr. Humberto de Romans e uma figura de destaque na Ordem dos Pregadores nos seus primórdios em Portugal. Viveu no convento de Santarém e em 1233 foi nomeado Prior Provincial da Espanha. As

²³ «Hec frater Egidius de Portugallia scripsit, vir tocius sanctitatis, qui fuit prior provincialis in Ispania, fama, litteratura, et auctoritate perspicuus»; «Frater Egidius, Hispanus supradictus, vir auctoritatis et veritatis indubitatae»: FRACHETO, Gerardi de – *Vitae Fratrum Ordinis Praedicatorum*. Ed. B. M. Reichert. Louvain: Typis E. Charpentier, 1896, IV 5, p. 164; V 3, p. 259.

duas principais fontes para o conhecimento da sua vida são tardias: uma *Vita* escrita por Fr. Baltazar de São João em 1537²⁴ e uma outra compilada por Fr. António de São Domingos em 1552²⁵. Ambos os autores reclamam ter usado como fonte um antigo códice do Convento de Santarém. É possível que tenha existido um texto do séc. XIII, porém este não terá sido mais do que uma primeira versão, certamente acrescentada no séc. XIV com vários elementos ficcionais²⁶, e esta, sim, terá sido a fonte usada pelos autores quinhentistas. O mais significativo dos elementos adicionados é o *topos* do pacto demoníaco colhido da legenda de Teófilo da Cilícia (séc. VI)²⁷.

Embora Diogo do Rosário conhecesse o *Compêndio* de Fr. António de S. Domingos²⁸, não inclui na *Historia* a vida do seu confrade santarenense que faz um pacto com o Diabo, apesar de ter aumentado, como disse acima, o número de santos portugueses. Terá sido o tema que o desincentivou? Provavelmente não. Aquilo que já sabemos do método de trabalho de Diogo do Rosário diz-nos que qualquer tema é lícito desde que autorizado por uma fonte de prestígio que possa ser alegada. A vida de S. Gonçalo é dada a ler, alegadamente, «segundo estaa escripta no moesteyro do dito sancto em Amarante, e a escreueo o doctissimo mestre frey Andre de resẽde no officio *que* côpos do dito sancto» (Primeira Parte, fl. 61v). Mas é uma alegação enganadora, porque o ofício de André de Resende apenas é usado pontualmente. A fonte principal é António de S. Domingos, autor que não é citado. Isto significa que Diogo do Rosário não concede a António de S. Domingos o estatuto de *auctoritas*. E se, para S. Gonçalo, tem uma outra fonte autorizada (André de Resende) que lhe sustenta a escolha, para S. Gil não. Pode ter sido apenas essa a razão.

O editor de 1585 não tem a mesma preocupação pelas fontes autorizadas ou pelo menos não as entende como autores que previamente avalizaram um texto. S. Fr. Gil é acrescentado ao legendário porque é um santo dominicano e provavelmente porque para este editor é suficiente a evocação de uma fonte antiga e local e a alegação genérica de autoridade ou de autenticidade. Assim fica dito no seu *incipit* («Começa a vida do glorioso padre Sam Frei Gil da Ordem

²⁴ *Vita B. Gili Sanctaranensis*, Biblioteca da Ajuda (Lisboa), MS 51-I-56, editado e publicado em SÃO JOÃO, Baltazar de Vida de – S. Fr. Gil de Santarém. Trad. e introd. por A. A. Nascimento. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.

²⁵ SÃO DOMINGOS, António de – *Compêndio de religiosos insignes*. Coimbra: per Joam de Barreira e Joã Aluarez empressores da vniversidade, 1552, p. 109-119 (119 é erro de paginação que deve ser corrigido para 117).

²⁶ SOBRAL, Cristina – *The anxiety of choice: the Dominican legend of Gil of Santarém*, «Hagiographica», 22 (2015), p. 217-230.

²⁷ Sobre a legenda de Teófilo v. RUSSELL, Jeffrey Burton – *Lucifer, the Devil in the Middle Ages*. Ithaca – London: Cornell University Press, 1984, p. 80-4. Para uma interpretação do tratamento deste *topos* na legenda egípcia, v. SOBRAL, Cristina – *The anxiety of choice*.

²⁸ Utiliza-o como fonte para a Vida de S. Gonçalo de Amarante (Cf. SOBRAL, Cristina – *Um legendário à saída de Trento*, p. 262).

dos Preegadores, como está escrita em hũ liuro authenticico que trata das vidas de algũs santos da mesma ordẽ, a qual parece *que* foi tirada da que está escrita no Conuento de Santarem.»), fl. 401a), onde o livro autêntico é o *Compêndio* de António de S. Domingos, o qual, por sua vez começa assim: «Começa a vida do glorioso padre sam frey Gil, como estaua em ho mesmo liuro que a precedente, e parece tirada da que estaa em ho conuento de Santarem, porque a escreueo hũ frade nosso de grande autoridade, como pareçera ã ho processo da historia.» (p. 109).

A Vida de S. Fr. Gil tem, em António de S. Domingos, 6653 palavras e, na versão de L, tem 6427. Foram eliminadas 226 palavras (3, 39%). É uma pequena percentagem, comparada com a de Maria Madalena (10,47% de palavras eliminadas). Quais foram os critérios de refundição? Há 73 lugares de variação e, destes, o maior número, logo depois de 28 actualizações linguísticas, são 17 variantes que abreviam o texto.

Há, evidentemente, algumas (7) correcções de erros, enquanto L comete apenas um erro, o que confirma o cuidado posto na revisão deste texto. Tal como na vida de Santa Maria Madalena, também aqui todas as formas apocopadas *muy* (17) são substituídas por formas inteiras e eliminam-se três ocorrências de conjunção copulativa. António de São Domingos, ao contrário de Diogo do Rosário, não usa as formas contraídas de preposição com artigo ou com pronomes (*em o*, *em esse*, *em elle*). O editor de 1585 substituiu-as todas (8) pelas formas contraídas (*no*, *nesse*, *nele*). Há, no entanto, duas substituições que contrariam esta tendência modernizadora (as formas antigas *todo* por *tudo* e *todalas* por *todas as*), o que mostra, mais uma vez, que a evolução não é linear.

Na sintaxe de Fr. António, achou o editor de L muito pouco que emendar. Apenas duas variantes parecem ter esta motivação:

1	Trazia continuamente em a memoria Trazia na memoria continuamete
2	E tam grande doçura sentio que se enleou todo em conteemplaçam, estaua aleuantado da terra. E tam grãde doçura sentio <i>que</i> se enleou todo em contẽplaçam, e estaua aleuãtado da terra.

Tal como já tínhamos visto antes, procura-se a ordenação que se entende mais adequada dos complementos da frase (1) e, apesar da sua tendência para eliminar polissíndetos, reconhece a função copulativa da conjunção onde ela é essencial (2).

A adequação do sentido continua a ser uma motivação do editor:

3	Do reyno de Portugal ẽ hũ lugar que se chama Bousela do reino de Portugal de hũa villa que se chama Bouzela
---	---

4	o perdido o diabo
5	Espantaram se muyto todos os que viram ho milagre Espátará se muito todos vêdo o milagre
6	Do mesmo mosteyro fugiram dous mouros que seruiã as freyras Do mesmo mosteiro fugiram dous escrauos que seruiã as freiras
7	prometêdo sua mây de ho levar a sua sepultura. Cô a terra deste lugar se fizerã muytos milagres prometêdo sua mã de o levar aa sua sepultura. Cô a qual terra se fizeram muitos milagres

Designações pouco precisas dão lugar a outras que especificam estatutos (*lugar/villa*, 3, *mouros/escrauos*, 6) e eufemismos (*perdidol/diabo*, 4). Na variante 5, Fr. António permitia que se lesse que apenas alguns poderiam ter visto o milagre mas o editor de L desfaz esse equívoco passando o verbo para o gerúndio. Outro equívoco poderia gerar-se no espírito do leitor se não fosse muito claro que a terra milagreira (7) era a da própria sepultura e não a da localidade onde ela se situa.

A atenção do editor foi de novo atraída pela regularização lógico-discursiva do texto:

8	vieram os mestres acompanhados do demonio a os vieram os mestres acompanhados do demonio a o receber
9	padre sã frei Gil padre frei Gil
10	e ella ho disse ao religioso que escreue esta vida e ella o disse ao religioso que escreueo esta vida

Gil chega à caverna de Toledo acompanhado pelo diabo em forma de viajante que o tentou no caminho (8) mas é evidente que a recepção que o Demónio, acompanhado dos seus mestres, preparou não se destinava ao companheiro habitual e sim ao jovem Gil que era preciso seduzir. Por isso, podemos ver no singular do pronome uma adequação à coerência semântica da narrativa. Há dois momentos em que no texto é referido o seu autor. Numa delas, Fr. António usa o pretérito perfeito, fielmente reproduzido por L («Tambê em mĩ (diz o dito padre *que* esta historia copilou) espremeitei as marauilhas deste santo», L 405c). Não admira, por isso, que no outro momento (10), L corrija coerentemente o tempo verbal. Poderíamos pensar, na variante 9, que se trata de uma simplificação de títulos e epítetos, como as que vimos serem feitas na Vida de Maria Madalena. Gil é normalmente referido no *Compêndio* como *sam frei Gil* (31 ocorrências), *padre sam frei Gil* (7 ocorrências). Todas elas são conservadas por L e até mesmo algumas referências à personagem mais

adjectivadas: *glorioso padre Sam Frei Gil* (1 ocorrência), *este santissimo varão frei Gil* (1 ocorrência) e *glorioso padre* (5 ocorrências). Em nenhum destes casos o editor sentiu necessidade de se comportar como na Vida da Madalena. Há no texto de 1558 duas ocorrências de referência ao santo sem o respectivo epíteto (*frei Gil*). A diferença é pertinente, uma vez que são referências postas na boca de outras personagens, que conheceram e conviveram com o frade, e antes que ele fosse santo. Não admira portanto que, quando, no mesmo contexto, António de São Domingos quebra esta regra de verosimilhança (9), o editor de L se apresse a corrigi-la, eliminando o epíteto inapropriado.

As 17 variantes abreviativas obedecem aos mesmos critérios dos textos já analisados. Não há eliminação de duplicações porque não há duplicações no *Compêndio*. Os epítetos não são reduzidos porque não incluem muitos adjectivos e certamente também porque a necessidade de abreviação é menor porque é menor a extensão do texto. Mantém-se a atenção às redundâncias, que são eliminadas:

11	Em o tempo que este glorioso padre andaua mais descuydado de sua saluaçam e mais remoto de todas as cousas spirituaes, vẽdo nosso senhor que ho tinha escolhido pera a sũma bêaenturança, e que nam auia de faltar execuçam a esta prouidẽcia : tirou ho daquelles erros Em o tempo que este glorioso padre andaua mais descuidado de sua saluaçam e mais remoto de todas as cousas spirituaes, tirou o o senhor daquelles erros,
12	Neste tempo tinhã aquelles religiosos hũ tonel de vinho, que perdera ho gosto por nam ser fino como dantes Neste tẽpo tinhã aquelles religiosos hũ tonel de vinho, <i>que</i> perdera o gosto
13	deram graças ao senhor sabẽdo como acontecerã . e deram graças ao <i>senhor</i> .
14	estando aos pees do senhor : (como Maria) encendido todo seu amor enleuaua se muytas vezes em contemplaçam enleuaua se (como Maria) muitas vezes em cõteplaçã
15	Em a contẽplacã tam remoto estaua dos sentidos exteriores, <i>que</i> nenhũ mouimẽto tinha: nẽ falaua, nẽ somente respiraua . Em a contẽplacã tã remoto estaua dos sentidos exteriores, <i>que</i> nenhũ mouimento tinha
16	e leuarã no a hũa cama sem acordar do sonno da contemplaçã cõ todas estas cousas . e leuarã no a hũa cama sem acordar do sono da contemplaçã
17	E tam grande doçura sentio que se enleuou todo em contemplaçam, estaua aleuantado da terra. Neste rapto tam pouco vso tinha dos sentidos exteriores, que nã sintia os empuxões dos religiosos E tam grãde doçura sentio <i>que</i> se enleuou todo em contemplaçam, e estaua aleuãtado da terra.

18	Porẽ quãdo vio que nã aproueytaua nada, porque ho sancto varão nã mostraua sentir algũa cousa Porẽ quãdo vio <i>que</i> não aproueitaua nada, puxou lhe polos narizes, e começou de os ferir cõ hũa agulha
19	crêdo firmemẽte crêdo
20	e enfadãdo se de esperar tanto, tornarã se cansados enfadãdo se de esperar tanto, tornarã se pera suas casas
21	Este frade he Portugues, e chama se frey Gil, e he frade da ordẽ dos pregadores. Este frade he Portugues, e chama se frei Gil, e he da ordẽ dos pregadores
22	Nam sera rezã: que deyxemos de cõtar algũs milagres que se fizerã na cidade de Coymbra. Nesta cidade Na cidade de Coymbra
23	Sarau tãbem cõ esta mezinha .s. visitar seu sepulcro Sarou tãbem com visitar seu sepulcro

E também aqui são eliminados elementos não essenciais:

24	Porem outros eram os pensamentos de Christo nosso misericordiosissimo deos, o qual ho guardou sempre: posto que era costume daquella gẽte leuar ho diabo cad'ano hũ delles ao inferno qual mais quisesse, ou quẽ elles entre si escolhessem pera isso, porẽ ao nosso sancto (como dissemos) guardou deos de tam pestifera eleyçam, porque era predestinado pera a gloria. Porem outros eram os pensamẽtos de Christo nosso misericordiosissimo Deos, o qual o guardou sempre.
25	Porem a peruersa sciencia nã merece que se contem seus efeytos, escreuer se ham por ventura graciosissimamente antes de pouco tempo: com ho demais que nam contaremos. Porem a peruersa sciencia nam merece que se contem seus feitos.
26	Estaua hũ dia hũ superior de santarem em ho artigo da morte, e estauam cõ elle todos religiosos como se faz em a ordẽ aos frades que passam desta vida. Estaua hũ dia hum superior de santarẽ em o artigo da morte, e estauã cõ elle todos os religiosos.
27	Quando o viram assi arrebatado: foram algũs religiosos chamar ho companheyro prouincial, e disseram lhe algus frades. Quereis padre esprimer o que vos dissemos? Agora está frey Gil e oraçã. Quãdo o virã assi arrebatado, forã algus religiosos chamar o cõpanheiro do prouincial. Ueo logo o religioso
28	e o <i>sancto</i> nã espertou nẽ se moueo donde estaua. Chegou a orelha ao nariz pera ver se respiraua: e conheceo craramẽte que nã. e o santo não espertou nẽ se moueo dõde estaua.

Desaparecem acções secundárias (24, 27, 28) e excursos (26). A variante 25 é de sentido confuso: promete escrever o que primeiro disse que não escrevia, e finalmente diz que não o contará. É natural que o refundidor também tenha

tido dificuldade em entender o sentido deste segmento mas terá sido fácil perceber que não continha nada de importante.

Mais do que abreviativa, há uma variante que parece ser atenuadora, embora também haja diminuição do número de palavras:

29	Este religioso nã sabemos como se chamaua nẽ de que qualidade era , porque em ho liuro donde esta vida se tresladou nã estaua algũa cousa destas Este religioso não sabemos como se chamaua (porque no liuro donde esta vida se treladou nã estauã estas cousas)
----	--

L não quer dar demasiado destaque à ignorância sobre a *qualidade* do autor do texto. Provavelmente António de S. Domingos quer referir-se ao seu estatuto hierárquico mas a expressão usada poderia pôr em causa a autoridade da fonte e, embora este refundidor não seja tão exigente como Diogo do Rosário, cabe-lhe evitar que a suspeita entre no espírito do leitor (e dos licenciadores). Não há dúvida de que se preocupou com certas exigências tridentinas:

30	fizeram no conego da See de Braga e de Coymbra: e prior dhũa igreja de Santarem e de Coruche, fizerã no conego da See de Braga e de Coimbra: e prior de hũa igreja de Santarem e de Coruche, as quaes dignidades teue successiuamente.
31	porque era grande medico, e muitas pessoas de Santarem lhe vinham pedir conselho sobre suas doenças. porque era grande medico, e muitas pessoas lhe vinham pedir cõselho sobre suas doenças.

A ocultação da sua dimensão local (31) tem como efeito uma certa universalização do santo, o que ajuda a justificar a sua adição no legendário quando Trento desincentivara novos cultos. Mas é na variante 30 que claramente transparece a preocupação tridentina, com uma adição que serve para desviar a interpretação do seu sentido original: Gil foi titular de vários benefícios eclesiásticos mas, como a sua simultaneidade foi uma prática medieval proibida pelo Concílio, impunha-se reinterpretar o texto de forma que ao santo não fosse atribuída uma prática agora censurável.

A refundição da Vida de Gil de Santarém é, como se viu, muito menos intensa do que a da Vida da Madalena. Há duas razões para isso. A primeira é que o texto é menos extenso (Madalena tem 6981 palavras em B e Gil tem 6653 no *Compêndio*). A segunda é que o discurso de Fr. António de S. Domingos é mais sóbrio e contido do que o de Fr. Diogo do Rosário naquele texto em que empenhou muito da sua vocação pregadora; a língua é mais próxima, o discurso é menos redundante (veja-se a ausência das medievais duplicações) e a narrativa menos dramática e menos emotiva. Assim, para que o texto se aproximasse

do padrão pretendido pelo refundidor foram precisas menos operações de refundição.

4. Pedro, o simples

O segundo texto acrescentado em 1585 coloca várias questões, desde logo porque não se trata da vida de um santo como os outros. Não houve nenhuma proposta de canonização ou sequer de beatificação deste porteiro do convento dominicano de Évora. Não deu origem a culto espontâneo que perdurasse pelo menos desde o momento da sua morte (1528) até à data da escrita do texto (1570). Por um lado, é a biografia de uma figura recente, quando Trento recomendava que fossem contidas as novas devoções. Por outro, é uma biografia do tipo mais tradicional, em que a santificação da personagem se faz principalmente pela ascese radical e por repetidos episódios de combate com o diabo que são devedores dos modelos mais antigos de santificação. As prefigurações do diabo em galos que cantam nas traves da igreja e em porcos que roncam são devedoras de um universo mental pré-moderno²⁹ que já não esperaríamos que servisse como chave de leitura de uma realidade contemporânea de André de Resende, um humanista que mais do que uma vez condenou a Idade Média pela sua alegada escuridão cultural³⁰. Poderíamos dizer que Pedro, como figura hagiográfica, seria um santo anti-moderno até porque, sendo marinheiro e conhecedor de algumas práticas de navegação que implicavam conhecimentos astronómicos³¹, vira as costas a essa possibilidade de novos saberes e de um novo mundo a descobrir para ingressar na vida religiosa, onde se manterá recluso até ao fim da vida, simbolicamente à porta, ou seja num limiar que o convida a sair a qualquer momento e onde ele se mantém firmemente virado para dentro e não para fora.

O que tem esta biografia para merecer o interesse do refundidor de 1585? Creio que duas coisas: ser «Escrita pelo doctor mestre Andree de Reesende» (fl. 405v), cujo renome é garantia de aceitação, e ser sobre um dominicano, o que aduz prestígio à Ordem que era, sem dúvida, a do editor.

O texto da fonte³² é o maior dos que aqui analiso. Resende escreveu 9665

²⁹ V SOBRAL, Cristina – *The anxiety of choice*.

³⁰ V. RESENDE, André – *Oração de sapiência (Oratio pro rostris)*. Trad. de Miguel Pinto de Meneses, introd. e notas de A. Moreira de Sá. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1956.

³¹ «aprendia pera marinheiro: e assi sabia singularmente do Norte...» (fl. 407b).

³² RESENDE, André de – *Ha sancta vida e religiosa conuersaçam, de Frey Pedro, Porteiro do Mõesteiro de Sancti Domingos de Euora*. Évora: André de Burgos, 1570; O texto foi editado crítica e facsimilarmente por Serafim da Silva Neto: RESENDE, André de – *A santa vida e religiosa conuersão de Frei Pedro, porteiro do Mosteiro de S. Domingos de Évora*. Edição fac-similada do único exemplar conhecido, acompanhada de transcrição, introdução e notas por Serafim da Silva Neto, prefácio-estudo de Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1947. Existe

palavras, que o refundidor reduziu a 6456, eliminando, portanto, 3209 palavras, a refundição mais abreviadora (33,20%) dos quatro textos.

A modernização linguística também aqui foi aplicada: contraem-se as preposições com artigos ou pronomes (*em hos|nos, em este|neste, de elle|delle, de isto|disto*), a ênclise é preferida à próclise (*lhe perguntou|perguntou lhe*), o particípio passado deixa de concordar em género e número com o sujeito (*cadeira [...] lhe tinham mandada fazer | cadeira [...] lhe tinham mandado fazer*) e algum vocabulário medieval desaparece:

1	se foi côtra la se foi pera aquela parte
2	grados do altar degraos do altar
3	Foi en ho môtesteiro Auia neste mosteiro
4	contra ho pee do lecto pera o pee do leito
5	posto que inda meo atterido , foi lhes restituído foi lhes restituído

O advérbio *contra* deixa de designar direcção (1, 4) e o verbo *ser* deixa de usar-se para designar existência prolongada, função na qual é substituído pelo verbo *haver*, tal como hoje se usa (salvo na expressão cristalizada *era uma vez...*). O verbo *aterir* (5) é um vocábulo raro, não registado nem por Houaiss nem por Machado e atestado apenas em Rui de Pina³³. Não é certo que ainda fosse reconhecido pelos leitores de 1585, o que poderá ter ditado a sua eliminação.

Muitas substituições parecem ser, tal como nos textos anteriores, apenas uma questão de gosto:

6	demonios diabos
7	paz quietação
8	pescado peixe
9	medonhos espantosos
10	Declarádo dizendo
11	tam familiarmente có tanto amor

A sintaxe medieval, onde com frequência o verbo se desloca para o final da frase, ordena-se agora de forma mais moderna:

12	tinha cuidado na cozinha poer tinha cuidado de poer na cozinha
13	com caruam debuxou debuxou có caruão

uma edição mais recente (RESENDE, André de - *Obras Portuguesas*. Pref. e notas por José Pereira Távares, 2ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 2009, p. 151-214). Usei, para este trabalho, o *facsimile* publicado por Serafim da Silva Neto.

³³ V. a nota de Serafim da Silva Neto na p. 178 de RESENDE, André de - *A santa vida e religiosa conversão de Frei Pedro*.

14	Et dos oclhos lançaua chamas e lâçaua dos olhos chamas
15	do dormitorio decia deciam do dormitorio
16	na capella maior orando orando na capela mor
17	cõ elles jũctamete recebia recebia cõ elles jũtamente
18	en capitulo entrassem, entrassem em capitulo
19	de elle appartar appartar delle

Outros elementos da frase são reordenados para não afastar os verbos principal e auxiliar:

20	sendo ho padre fey Pero diaz religioso insigne, electo en prior do mōesteiro de sanct Domingos de Euora sendo eleito em prior de sam Domingos de Euora, o padre feri Pero Diaz religioso insigne
----	---

E há ainda estruturas que são simplesmente rejeitadas:

21	elle acabadas as matinas acabadas as matinas
----	---

O pronome pessoal tem na frase uma função enfática que chegou até até nós em expressões de espanto (*ele há coisas!*) mas não é aceitável noutros contextos e o mesmo parece ter pensado o editor de L. A sintaxe regulariza-se, portanto, aproximando-se claramente da sintaxe moderna. O mesmo se pode dizer do léxico, que o editor pretende tornar mais apropriado e claro:

22	pedindo copia de cõfessor pedindo confessor
23	falar a hũas blando falar a hũas brãdamete ,
24	andar en boa hora andar embora
25	melancholizado triste
26	começou de ho ferir mais asperamente deu lhe mais asperamete
27	hũa roda aho parecer tam magna quomo ha de hũo carro hũa roda ao parecer tamanha como a de hũ carro
28	lãçãdo ha lingoa fora deitãdo a lingoa fora
29	com has mãos feria ho com as mãos lhe daua
30	quãdo ho feriam quando lhe dauam
31	a deshoras fora de horas

É evidente que ele não considera adequado o verbo *ferir* para designar as pancadas que Fr. Pedro sofria, já que insistentemente rejeita este verbo (26, 29, 30). Rejeita igualmente o adjectivo com valor adverbial (23) e crê que não é

apropriado *lançar* a língua (provavelmente porque ela não sai do mesmo sítio, 28) nem pedir *copia de confessor* (22), quando não se pede mais do que um. A locução comparativa *tam magna quomo* soa como um latinismo bizarro quando aplicada a contexto prosaico, como aqui sucede (27), e da mesma forma se estranha o adjectivo *melancholizado* (25), onde esperaríamos ver *melancólico*. O editor prefere um sinónimo mais simples ainda, *triste*. Expressões mais coloquiais também não são desejáveis (31), mesmo quando são ditas em discurso directo pelas personagens e portanto servem para as caracterizar (24). Veja-se outro exemplo:

32	algũos dixerã a frey Pedro. A mẽtiroso, vees alli, ja ficas en mẽtira. algũs disserã a frei Pedro, Aueis de ficar mentiroso.
----	--

Em Resende, a invectiva dos frades reproduz, com certeza, formas da oralidade. Em L a frase perde toda a expressividade oral mas torna-se menos idiomática e própria do discurso escrito. O mesmo tipo de revisão asséptica resultou noutras variantes:

33	pernoctaua en castigo de sua carne pernoctaua castigando sua carne
34	era ido pelo mõeiteiro en busca do subpprior andaua pelo mosteiro buscãdo o supprior
35	<i>que</i> lhe chamauam hos frades almofreixe mal entulhado, outras vezes , azemala mal albardada <i>que</i> algũs lhe chamauam almofreixe mal entulhado, outros azemala mal albardada.
36	Cuja experiẽcia seja, que tinha honesta e meãa noticia da arte de marear, e da carta e de agulha e de tomar ha altura com ho instrumẽto que hos mareãtes chamam Balhestilha, que lhes serue por astrolabio. E entendia razoauelmente a arte de marear, e a carta, e agulha: e sabia tomar a altura cõ a balhestilha, que serue de astrolabio aos mareãtes.
37	cõ sempre na boca dizendo sempre

Na variante 35, o pronome indefinido *outras* sugere a antecedência de *alguns*, para que a estrutura seja paralela e regular. A substituição modifica o sentido, porque deixam de ser os mesmos padres que alternam adjectivos e passam a ser padres diferentes a proferi-los. Mas a frase fica mais elegante e o efeito é o mesmo: equiparar Fr. Pedro aos confessores que sofreram humilhações pacientemente³⁴. Também as expressões *pernoitar em castigo da carne* (33), *andar com sempre na boca* (37) afastam-se da norma contemporânea, bem como

³⁴ Os exemplos são muitos mas destaque-se S. Aleixo maltratado pelos criados de seu pai e o dominicano S. Gonçalo de Amarante, insultado e espancado pelos criados do seu sobrinho.

usar *cuja experiência seja* para designar algum conhecimento, o qual, se não for exíguo, se dirá *honesto e meão* (36). Quando comparamos o discurso de André de Resende com o do editor apenas quinze anos posterior, percebemos que este tem um domínio desenvolto da língua materna e que esta começava a organizar-se, na escrita, segundo um modelo de racionalidade e clareza.

A *abbreviatio*, nas suas múltiplas possibilidades, presidiu a esta refundição. Foram eliminadas 20 duplicações, de que dou apenas exemplos:

38	acceptou, e fez aceitou
39	ledo e cõtete contete
40	descõtete e agrauado descontente
41	võtade, e deliberaçam vontade
42	notado, e experimentado notado
43	simplez e ignorante simprez
44	palratorio, ou loquotorio loquutorio
45	cessou e exvãesco cessou
46	viuuidade e desconsolaçam viuuidade
47	confuso e embaraçado confuso

Há mais de 70 redundâncias eliminadas, como estas:

48	frey Antam de vida muy aprouada, diulgada opiniam de sanctidade. frei Antam de vida muy aprouada
49	ha esmola <i>que</i> se vsa dar ahos pobres, accabadas has mesas da cõmuidade a esmola <i>que</i> se vsa dar aos pobres
50	senhora domna Caterina senhora chamada dona Caterina
51	durou alli muitos annos durou muitos annos
52	do mõeiteiro de sanct Domingos de Euora, da mesma cõgregaçam da obseruácia de sam Domingos de Euora
53	la lhe daua Deos distincto para falar a huas blando, e leuar recado aho prelado, que queriam falar a frey N. ou N. e a outras aspera e secamete dizia la lhe daua Deos distincto pera falar a huas bradamete, e daua seus recados , a outras aspera e secamete dizia
54	chegado aho prior lhe dixे disse ao prior
55	dias <i>que</i> ha cõmunidade comia pescado dias <i>que</i> comiã peixe

56	non paresça ahos que isto leerem <i>que</i> procedia de simpleza ignorante .s. de carecimento de prudência, per ho modo que chamamos simplizes hos pauos, e que crescem de juyzo. Non é assi. Antes tinha muy gẽtil juizo não cuidem os <i>que</i> isto lerem, <i>que</i> procedia de carecimento de prudencia. Porque tinha muy gentil juizo
57	tomou ho habito de religioso tomou o habito
58	se me encobrio com ha rama, que ho non via se me encobrio com a rama
59	para que a gente accudijsse aho fogo pera <i>que</i> a gente acudisse
60	ho sancto sacramẽto da eucharistia o santo sacramẽto
61	elle sempre quotidianamente seruia elle sempre seruia
62	o concurso da gente era muito a gente era muita
63	Lembra me que hũa vez Hũa vez
64	haquelle hauia de ser ha sua sepultura . Mas en fin hos testamenteiros ha enterraram na egreja, quomo queriam aquella auia de ser. Mas os testamenteiros a enterraram na igreja
65	Jbi letabimur in ipso. Et assi se foi caminho da portaria, replicando muitas vezes, Ibi laetabimur in ipso. Jbi letabimur in ipso. E repetindo isto muitas vezes se foi aa portaria

Por vezes, a eliminação de redundâncias anda muito próxima da síntese:

66	lẽbrádo lhe e trazendo ante hos oclhos, <i>que</i> era ja obrigado sabẽdo <i>que</i> era obrigado
67	nhũo era tam duro <i>que</i> non se applicasse. todos se aplacauam
68	lexou se star seguro, intento en sua oraçam continuou sua oração
69	<i>que</i> per vezes dixe, e direy <i>que</i> conto

70	<p>Quom en outro logar appóctamos, que sempre este seruo de Deos andaua có ho gesto ledo, e per hũo te^or desmelancolizado, assi nõ foi menos para notar, que fazedo tam aspera e dura vida, nõ soomete seu rostro nõ parecia macerado da perpetua abstinencia, mas inda sendo ja tam velho, has faces erã de hũa formosura juuenil, brancas e rosadas, que a quem ho non cognescesse poderiam enganar, saluo veedo lhe ha cabeça discoberta. Porque toda ha calua e resto da caueira era quasi pelada, e hos cabellos muito raros, e quomo de rato. De modo que em seu vulto sempre formoso, non fazia impressam ha mortificaçam do corpo, e cõtinuo castigo da carne, que porem em todos seus membros claramete se demostraua. Fazendo este seruo de Deos tam aspera e dura vida, e perpetua abstinencia, e sendo tam velho, nem por isso parecia macerado e fraco: mas tinha o rosto juuenil e rosado, que a quem o nõ conhecesse poderia enganar, saluo vendo lhe a cabeça, porque toda a calua e resto da caueira era quasi pelada, e os cabellos muito raros, como de rato.</p>
71	<p>cõ mais esforço e prõptidam do spirito, que forças ou potencia da carne, ho dormir era cõ os geolhos toda via nuos no chão, e arrimado cõ hos braços sobre ha barra de haquella noble e delicada cama, firmãdo se na almofada que sempre nos pectos trazia (cõ mais feruor do spirito que forças corporaes) dormia todauia cõ os joelhos nus no chão, arrimado cõ os braços sobre a barra da cama.</p>

A refundição do cap. 24 (70), por exemplo, afecta o retrato físico do frade, onde a decadência do corpo deixa de contrastar tão visivelmente com a jovialidade do rosto, ficando apenas implícita.

Como na Vida da Madalena, também aqui se sintetizam ou reduzem nomes de entidades divinas:

72	nosso señor Deos
73	gloriosa virgẽ nossa senhora sua madre gloriosa virgẽ nossa senhora
74	anno do nascimẽto de nosso señor Iesu christo anno do senbor de M.d.xviiij

Ainda que o texto assim se vá reduzindo, não é o suficiente. Num texto tão extenso foi mesmo necessário cortar informação não redundante, que foi considerada secundária ou dispensável. Já Serafim da Silva Neto tinha observado que faltam «os capítulos XII e XXIII»³⁵. Falta, de facto, o cap. 12 mas apenas este, já que do cap. 23 somente foi omitido o parágrafo introdutório, a exemplo aliás do que sucedeu com os capítulos 14, 22, 23 e 24. Tratou-se aqui de uma desatenção do filólogo³⁶. As variantes que eliminam informação não redundante

³⁵ RESENDE, André de - *A santa vida e religiosa conversão de Frei Pedro*, p.80.

³⁶ Jaime Cortesão, no prefácio (p. xxxii), reproduz o erro e acrescenta-lhe outro: «Aquela deformação vinha pelo menos desde 1590, data em que Fr. Diogo do Rosário incluía no *Flos Sanctorum* a vida do nosso frade, mas em

são cerca de 50, de que dou alguns exemplos:

75	mais apto para ho jugo da obediência regular, <i>que</i> pera ho officio de grumete, que por sua pobreza seguia mais apto <i>pera</i> o jugo da obediência regular, <i>que</i> pera o officio de grumete
76	<i>que</i> non bebam vinho. Et mandando dizer sua culpa, pedem misericordia. Entam se bẽe parece aho prelado, dispensa com elles. <i>que</i> nã bebã vinho
77	marinheiro, <i>que</i> entre elles é grado de mais qualidade, porque estes serũ aho leme, ou gouernalho, onde stam aa practica e mandado dos Pilotos, e có os olhos na agulha e rumos. marinheiro
78	se foi aho coro para repousar, quomo tẽemos dicto, <i>que</i> fazia, postos hos giolhos en terra, e ha cabeça entre as mãos se foi ao coro <i>pera</i> repousar
79	<i>que</i> se diz muito cedo na capella da Magdalena <i>que</i> se diz mais cedo
80	capitão da cijdade, pae de dom Diogo de Castro, que ho hora é capitão da cidade, pai de dô Diogo de Castro
81	frey Joã de Beja, homẽ de muita cõfiãça e religiã, frei Joã de Beja
82	Aue Maris stella, e <i>Quem</i> terra, pontus, aethera, dizẽdo nos hũo verso, e hos outros todos outro. Aue maris stella, e <i>Quem</i> terra, pontus, etc.
83	Maria mater gratie, mater misericordiae, tu nos ab hoste protege, e hora mortis suscipe Maria mater gratie, etc.
84	acertou de sobrevir de Mõtemoor onde estaua por vigairo das freiras do religioso mõeiteiro da Annunciada acertou de vir de Montemoor
85	orações pro iter agentibus, segũdo costume, orações pro iter agentibus
88	Nõ deu o prior credito a isto, por ser de sua condiçam duro de persuadir, maxime, porque soube <i>que</i> foora frey Pedro commungar Nã deu o prior credito a isto, porque soube <i>que</i> fora frei Pedro comũgar
87	hũo assento a modo de cadeira de coro <i>que</i> en ha casa que sta entre has portarias lhe tinham mandada fazer hũ assento a modo de cadeira de coro, <i>que</i> lhe tinhã mandado fazer
88	Steuão Acha tambẽe sacerdote e homẽ ja velho Steuam Acha
89	hauia ãnos foora sepultado fora sepultado
90	<i>que</i> muitos ãnos foora seu padre spiritual <i>que</i> foy seu padre spiritual

Omitem-se elementos do comportamento e características de Fr. Pedro,

nova redacção resumidíssima, da qual foram amputados os capitulos XII e XXIII, como adiante informa o professor Silva Neto». A edição em que a Vida de Fr. Pedro é acrescentada à *Historia das vidas dos santos* não é, como sabemos, a de 1590, nem pode ser assacada a Fr. Diogo do Rosário.

como as suas motivações para a vida marítima (75) e os seus hábitos (78); detalhes da vida regular dos dominicanos (76, 77, 82, 83, 85); informações sobre a hierarquia dos marinheiros (79); sobre a reputação de algumas personagens (81, 88, 88), detalhes da sua vida sem impacto na narrativa (84) ou sobre a sua situação actual (78); informação temporal (89, 90) ou espacial (87).

A informação meta-narrativa, discurso sobre as fontes, as motivações e os incentivos para a escrita, bem como algumas remissões internas (94) também não são julgadas essenciais:

91	Este capitulo metto de nouo, a instancia de frey Ioan Caldeira, padre antiguo e hórado, <i>que</i> estes dias passados, per muitas vezes, me fez scrupulo de consciẽcia, porque me excusaua de ho pôer. Ho caso é este.
92	virgẽe [...] houue por bẽe visitar [...] e tomar Frey Pedro por testemunha [...] Et eu tomo Deos e a ella por testemunhas desta verdade, assi me ella visite, quando minha alma en haquelle passo se achar. virgẽ [...] quis visitar [...] e tomar a frei Pedro por testemunha [...]
93	Non era meu proposito escreuer ho que hagora comptarei, por nõ parecer que do <i>que</i> a mi tocca faço historia. Mas ha instancia de certos religiosos que disto sabiam, me forçou faze llo, pois resulta en gloria de Deos, e mostra de sanctidade de este seu seruo --
94	frey Afonso Banha, de que depois falarei, quando screuer ho fallecimento de frey Pedro, frei Afonso Banha

A variante 91 corresponde ao início do cap. 14. É eliminado porque não conta a história mas serve antes de justificação a Resende para contá-la. O capítulo contém uma narrativa bizarra: numa parede do convento, um pintor, por passatempo, desenhou um frade a carvão. Pois esse desenho, quando via passar Fr. Pedro, ganhava vida, assumia uma figura terrível, lançando chamadas dos olhos, e atacava o frade, que o enfrentava. Era o demónio que tomava conta do desenho. Há neste episódio porventura traços excessivos de maravilhoso medieval e mesmo uma certa futilidade que o tornam pouco credível ou, pelo menos, incómodo, aos olhos de Resende, que não queria incluí-lo. Cede às instâncias de Fr. João Caldeira mas não o faz sem lhe assacar a responsabilidade por esta aceitação. A omissão, pelo editor de 1585, deste parágrafo, normaliza o episódio, atribuindo-lhe uma credibilidade a que Resende deixou alguma reserva. Já não é assim na variante 92, onde Resende assume a credibilidade do relato do milagre da aparição da virgem no leito de um moribundo. A declaração de credibilidade é omitida em L, o que contribui para um nivelamento de todos estes milagres que constroem a santidade de Fr. Pedro. Na variante 93, no início do cap. 22, Resende tem de novo necessidade de alegar a insistência de

outros para incluir mais um milagre, embora, desta vez, a hesitação não esteja na natureza do maravilhoso mas antes no facto de dizer respeito à sua própria família, o que lhe desperta compreensíveis escrúpulos. O editor de L não tem em atenção as circunstâncias pessoais do autor, rasurando-as de forma a deixar à vista apenas a enumeração de milagres atribuíveis a Fr. Pedro, argumentando a sua santidade. As circunstâncias pessoais de Resende são, sempre que possível, omitidas e também algumas afirmações que ele faz que resultam elogiosas para a sua mãe:

94	Minha mãe [...] foi j muito deuota de frey Pedro e elle ha tinha en reputaçam, e fazia della muito caso, cõtra seu costume. Minha mãy [...]foi muito deuota de frei Pedro
95	por ser hirmaã da ordẽe, e minha mãe por ser irmaã da ordẽ
96	me desse licença para ha trasladar para dẽtro, allegando lhe para ipso algũos meritos, inda entam frescos na memoria dos religiosos de haque lla casa. me desse licença pera a trasladar para dẽtro
97	do qual eu depois houue esta informaçam, porque en este tẽpo staua en Paris do qual eu ouue esta informaçam
98	Pedro, en ho tẽpo qẽ eu ho cõmunicaua, & ho qẽ de seu passamẽto per informaçam alcãcei. Muitas outras cousas podera screuer, se steuera sempre õde has notara. Mas eu desde ho ãno de .M.D. xvij hacte ho de .M.D.XXXIII. andei sempre fora da terra. Et depois de minha tornada hos mais dos religiosos que antes en aquella mõesteiro stauam eram fallecidos, hos que entam hauia, por serem nouos, ou na religiam, ou na casa, non sabiam mais qẽ haqõlla gẽeral fama, & algũas cousas mais publicas. Jsto he o de <i>que</i> tenho lẽbrança do seruo de Deos frei Pedro, e o <i>que</i> per informaçam alcãcei.

A mãe de Resende era tida em excepcional conta por Fr. Pedro (94) e os seus méritos têm peso argumentativo junto do prior (96) mas estes, e também os méritos do filho creditados à mãe (95), podem ser lidos como pouco modestos da parte de Resende. Nem as qualidades pessoais da mãe nem as do filho são muito importantes para o refundidor, nem tão pouco o percurso pessoal do humanista (97, 98). Esta narrativa deve ser como todas as outras do legendário: uma vez declarada a *auctoritas* que a credibiliza, centra-se no biografado e preocupa-se somente em contar a sua vida de forma que seja útil aos leitores.

É evidente, tal como foi na Vida da Madalena, que as várias formas de *abbreviatio* praticadas têm como consequência uma certa atenuação dos traços mais vigorosos da narrativa. As duplicações e as redundâncias têm uma função retórica de intensificação do discurso, que se perde. Esse efeito, também nesta refundição, é procurado e não apenas uma consequência da *abbreviatio*.

É atenuante a eliminação de advérbios de quantidade e outras expressões de intensidade ou ênfase:

99	Et quádo muíto ho sono ho vencia E quando o sono o vência
100	nõ fazia muíto caso não fazia caso
101	missa primeira, que se diz muíto cedo missa primeira <i>que</i> se diz mais cedo
102	todo affrótado afrontado
103	aleuiou muíto aleuiou
104	sen duuida me tinha me tinha
105	Et en isto non tenhas duuida que E sabe <i>que</i>
106	pregádo os oclhos pondo os olhos
107	licêça tam facil licêça
108	virtudes , e sobre todo de grandissima modestia e discriçam, das quaes vsou assaz en ha obra para que veo . Et depois de a ter acabada muito a seruiço de <i>deos</i> e com muita quietaçam e cõsolaçam virtudes, modestia e discriçam. E depois de ter acabada a obra para <i>que foi chamado</i> , muito a seruiço de <i>Deos</i> e cõsolaçam

Esbatem-se igualmente os contornos mais fortes de cenas dramáticas:

109	com grandes vozes que diziam fogo, fogo, fogo . Accudij, accudij, accudij cõ vozes que diziam, Fogo, fogo, acudi, acudi
110	hos vultos de persõas que perpassauã, e has vozes eram tãtas, quomo se alli andaram cent homẽes, hũos bradãdo por agua outros por machados, outros dizẽdo outras cousas os vultos de muitas pessoas hũs bradando por agoa, outros por machados
111	Mande V. R. tẽer tẽto em frey Pedro porteiro, que me certíficou que haa hoje de morrer Que mandasse ter tento em frei Pedro porteiro, que lhe certíficou que auia de morrer aquelle dia
112	ja tanta gẽte e battiam tã impetuosa mẽte nas portas, que nõ faltaua mais que machados para has quebrar muita gẽte e batiã com muíto impeto nas portas
113	tanta multidã de gẽte, e tam determinada tanta multidã de gẽte
114	Intolerauees clamores grãdes clamores
115	Eram hos sãlluços e vrros era o choro e sãluços

116	entrou ho pouou cõ tâto impeto que nẽ hos religiosos podiam acabar seu officio, nẽ ho canto, q̃ era assaz triste & lamentoso, se ouuia. Antes assi desordenadãmete foi mais interrupto, que acabado. E recolhendo se hos frades, ficaram sex homẽes para guarda do capitulo. Porq̃ verdadeiramente nõ parecia se non que has molheres com has mãos queriam desenterrar aq̃lle corpo. entrou o pouo cõ tanto impeto que parecia que queriam desenterrar aquele corpo. E recolhendo se os frades, ficaram seis homẽes pera guarda do capitulo,
117	leuantaram tam altos gritos, que parecia rõperem ho ceo. leuantará grãdes gritos
118	Hos padres, a grandes vozes lhes diziam Sentai vos, e comee, por a alma de frey Pedro, repetindo muitas vezes, por ha alma de frey Pedro. De modo que com assaz fadiga hos fizeram acquietar. e os padres lhes dizia, Sentai uos e comei, pola alma de frei Pedro.

A substituição do discurso directo pelo indirecto (111) salda-se por uma perda de realismo e de intensidade dramática num momento em que se introduz a série final de sequências hagiográficas: a morte (cap. 26) e os acontecimentos extraordinários que lhe sucederam (caps. 27, 28). A capacidade de prever a própria morte é um dos sinais comuns de santidade e esperava-se numa figura que costumava, ela própria, anunciar ao prior a morte próxima de outros. Chegada, enfim, a sua vez, o papel denunciador é cumprido por Fr. Afonso Banha e aqui se dá início a uma longa sequência de gestos e práticas que, no capítulo mais extenso da biografia, têm como intenção dramatizar o momento da passagem deste mundo e adequar-se aos *topoi* hagiográficos. Também os capítulos seguintes (27 e 28), sem fugirem provavelmente ao que terão sido acontecimentos reais e que dão conta da fama de santidade que envolvia esta personagem ainda em vida, são narrados de forma a intensificar e até mesmo hiperbolizar a reacção emotiva da população relativamente ao corpo do frade defunto: intensifica-se a acção da turba (*e tam determinada*, 113) e o ruído que produz (*Intoleraveis*, 114), atribui-se-lhe mesmo vozes inumanas (*vrros*, 115) que se opõem e perturbam o ordenado, embora triste, canto do officio (116). Compara-se a sua actuação a acções de extrema violência (*nõ faltaua mais que machados para has quebrar*, 112) e destacam-se, entre os que parecem querer desenterrar o corpo, as mulheres, o grupo tipicamente mais emotivo da espécie humana, e as suas mãos (116), sugerindo a irracionalidade do seu comportamento. Também os pobres, vendo-se privados do seu habitual benfeitor, reagem com emoções hiperbolizadas (gritos que parecem chegar ao céu, 117) e, por fim, esse estado próximo da histeria é apreciável pelo número de vezes que foi necessário aos frades acalmá-lo (118). Todos estes recursos

retóricos se perdem no processo de refundição. Num outro momento de grande movimentação de pessoas, ainda que ilusória, que é o incêndio do capítulo 15, é igualmente atenuada a dramaticidade, reduzindo-se os gritos do povo (109), e eliminando-se segmentos que, embora possam ser considerados redundantes, servem na verdade para produzir o efeito de grande movimentação e agitação caótica de uma multidão, quantificada comparativamente em *cent homẽes*, o que é um número impressionante, já que tudo se passava dentro de uma capela (110).

Por fim, também neste texto encontramos variantes que podem resultar do critério do decoro, já descrito na Vida da Madalena:

119	<p>Sta en ho mōsteiro hũa casa grãde, <i>que</i> chamã paltrorio, ou loquutorio, aho pee da scada <i>que</i> vai para o dormitorio. A hũo angulo della, jũto da porta de hũo corredor que hĩa para has secretas hũ pintor por seu passatempo com caruam debuxou hũo frade</p> <p> Estaa neste mosteiro hũa casa grãde, <i>que</i> chamã loquutorio, ao pee da escada <i>que</i> vai pera o dormitorio. A hũ angulo della hũ pintor por seu passatẽpo debuxou cõ caruão hũ frade.</p>
120	<p><i>que de fresco</i> morrera <i>que auĩa pouco que</i> morrera</p>

Na variante 119 há *abbreviatio*, e poderíamos explicá-la apenas como eliminação de informação espacial, que já vimos o editor descartar noutras variantes. No entanto, não deixa de ser notório o facto de, em toda a detalhada descrição espacial, apenas desaparecer o elemento que situa o desenho demoníaco num local que encaminha para «as secretas». Com a perda deste elemento, provavelmente considerado indecoroso pelo editor, tal como o da variante 177 da Vida de Maria Madalena, perde-se uma associação subliminar entre o demónio que se revela no debuxo do frade e o local onde se descartam as imundices³⁷. O decoro deve ter sido também o que motivou a variante 120, onde repugna a associação entre a o corpo defunto e o qualificativo que habitualmente se atribui à carne comestível.

Não é por acaso que Resende não narra qualquer milagre *post-mortem*. A personagem é tratada como *santo religioso*, *santo homẽ*, *santo varão* sem que, como sabemos, houvesse culto ou decorresse um processo de canonização. L não recusa nenhum destes epítetos, pelo contrário até acrescenta uma nova ocorrência (*santo homẽ*, fl. 406b). Poderíamos alegar que não é dado ao adjectivo peso

³⁷ Curiosamente esta mesma associação está presente na versão da Vida de Fr. Gil de Santarém contada por Fr. Baltazar de S. João: o santo, importunado por um demónio em forma de bode, domina-o e condu-lo à cloaca do mosteiro, onde o encerra. Sobre a função sublimadora deste episódio v. SOBRAL, Cristina – *The anxiety of choice*, p. 227.

canônico, já que outras personagens também o merecem (veja-se a referência a *Aluaro Murzelo velho santo*, Resende cap. 27; L fl. 410 a), se não fosse o explícito facto de o texto ter como objectivo a demonstração da santidade de Pedro: L aceita pelo menos duas das atribuições de santidade que lhe são feitas: *Era ja a fama de sua santidade tam derramada pola cidade* (fl. 408 a), *por não parecer que folgaua de assoalhar sua santidade* (fl. 408b). Resende tem a intenção explícita de demonstrar a santidade de Fr. Pedro, tal como afirma no início do cap. 22, onde se decide a contar o milagre relativo à sepultura da sua mãe como *mostra de sanctidade de este seu seruo*. L omite este início de capítulo mas nada permite concluir que o fez para evitar a questão da santidade. A omissão deve-se antes à reserva que L tem a respeito das circunstâncias pessoais de Resende, como vimos atrás. Já mais cuidadoso, o humanista termina a sua obra escudando-se na *gẽeral fama* acerca do frade porteiro e evitando a palavra *santidade*:

121	<p>Per estas aqui scriptas, pode qualquer alma piedosa cognescer, quam bõ seruo de deos este foi, & quãta familiaridade com elle teue. Mas se algũ foor tam duro ou contumaz, que isto non estime por bastãte, ousou dizer, q̃ este tal, neque siquis ex mortuis resurgat, credet. Christo optimo maximo gloria in aeternum. Per onde pode qualquer alma piadosa entender quã bõ seruo de Deos foi. Christo optimo maximo gloria in eternum. Amen.</p>
-----	--

Com estes cuidados deixa entrever a delicadeza da questão e dá aos seus argumentos um valor evidentemente refutativo, se sobreviessem contraditores. L sintetiza mais uma vez. Os méritos de Fr. Pedro exprimem-se, assim, em familiaridade com Deus (Resende) e bom serviço a ele prestado (Resende e L). Diminui em L o discurso refutativo, o que pode indicar menor receio de contradição por parte do refundidor. No *incipit*, L não recusou o título de Resende (*A sancta vida, e religiosa conuersação, de frey Pedro...*). Não há, portanto, nem em Resende nem em L, escrúpulo em qualificar como santa a vida feita por Pedro. Note-se, no entanto, que, ao contrário do que acontece em todos os outros textos do legendário, nomeadamente nas vidas de Santa Maria Madalena e de São Fr. Gil, o epíteto nunca é anteposto ao nome nem tão pouco Pedro é referido apenas pelo epíteto: é sempre dito *santo homẽ, santo varão* mas nunca *São Fr. Pedro* nem sequer o *santo* ou *este santo* (como Gil e Madalena). Parece, portanto, que há um passo que nenhum dos dois, nem Resende nem o refundidor de 1585, se atreve a dar além do que a ortodoxia permite mas também que a ortodoxia é menos limitadora para o refundidor do que para Resende. Pedro é apresentado como o protagonista de uma vida modelar e cumpre os sintagmas estruturais nucleares de uma narrativa hagiográfica, bem como os seus *topoi* mais tradicionais. A narrativa demonstra que Pedro fez as

coisas que os santos fazem e Deus beneficiou-o como só aos santos costuma beneficiar. A conclusão deve o leitor tirá-la, *estimando por bastante* (Resende), ou seja *entendendo* (L, 115) o que ficou demonstrado.

Resende lamenta o pouco empenho da Ordem em obter a canonização do porteiro eborense: «Non hauia en toda ha prouincia cousa entre religiosos mais practicada, que ha virtude de frey Pedro. Et se esta nossa naçam Portuguesa, & ordêe de Sanct Domingos fora tam ostentatiua quanto alguas outras, ja seu nome nas boccas do vulgo andara mais celebrado & sabido» (Resende, início do cap. 23). Este início de capítulo, que L omite, confirma o que Resende pensa a respeito deste assunto: há matéria para canonização mas o país e a Ordem são tímidos. O refundidor de 1585 não quis ir tão longe. Adicionando este texto, além de mostrar os méritos e a riqueza espiritual da sua Ordem, mostra considerar que a santidade não é um paradigma fechado, uma realidade remota e inalcançável. Continua a acontecer nos dias presentes, revelando um Deus continuamente atento aos homens. Eliminando o início do cap. 23 e o discurso refutativo final, desvia a atenção do problema da canonização, que podia ser embaraçoso num *legendário pós-tridentino*.

Serafim da Silva Neto explica a omissão do cap. 12 com o receio da censura³⁸. Narram-se, neste capítulo, acontecimentos relativos ao mau comportamento de Fr. Manuel Estaço, provincial destituído e penitenciado, a quem Fr. Pedro faz notar os seus pecados. Mais do que a reprovação dos censores eclesiásticos, o refundidor deve ter atendido sobretudo ao seu próprio amor aos Frades Pregadores, recusando divulgar um episódio censurável da sua História.

Conclusões

Depois da morte do seu autor, o *legendário* de Fr. Diogo do Rosário continua vivo e continua dominicano. As adições que lhe são feitas mostram-no suficientemente. Os modelos de santidade de novo apresentados nada têm de novo: Fr. Gil é um santo dos primeiros séculos da nacionalidade, cujo modelo de santidade era novo no séc. XIII mas cuja biografia já desde o séc. XIV se centrara no tema do combate com o Diabo; Fr. Pedro é um santo moderno mas cuja vida não apresenta nenhum traço de modernidade, cumprindo um modelo de santidade onde se destaca a ascese radical e os combates demoníacos, cruzados com o tema da assistência aos pobres. Também não há, nesta nova edição do *legendário*, sinal de alguma forma de resistência anti-castelhana.

O aspecto mais saliente da refundição diz respeito à dimensão dos textos, que são abreviados de modo a não ultrapassarem um limite que pode definir-

³⁸ RESENDE, André de - *A santa vida e religiosa conversão de Frei Pedro*, p. 81.

se numa média de 6375 palavras. Este limite médio determina o grau de abreviação que os textos sofrerão:

VIDA	FONTE	1585	ABREVIATIO	
			palavras	%
Apolónia	535	511	24	4,48
Madalena	6981	6244	731	10,47
Gil	6653	6427	226	3,39
Pedro	9665	6456	3 209	33,20

São muito abreviados (Madalena, Pedro) os textos muito distantes do limite, pouco abreviados (Gil) os textos mais próximos do limite. Este faculta a portabilidade do legendário, que pode agora, como no princípio do século, ser encadernado num só volume e adaptar-se mais facilmente à leitura frequente dos leigos, aqueles que já o *Flos Sanctorum* de 1513 quisera alcançar para que, estando em sua casa, pudessem usufruir do benefício da leitura proveitosa das vidas dos santos³⁹.

Para que continue a ser proveitosa, a leitura deve ir ao encontro da língua dos leitores mas também ser ela própria um modelo literário, procurando ir ao encontro do seu horizonte textual: assim, é preciso actualizar linguisticamente o texto e retocar a redacção, de modo a torná-la mais clara, mais lógica e mais racional, com uma sintaxe fluida, onde os sintagmas da frase se ordenam segundo princípios cada vez mais estabilizados.

O discurso hagiográfico medieval, e de forma acentuada no século XV, sob a influência da *devotio moderna*, raras vezes recusou o poder catequético e edificante da emotividade e do dramatismo. Fr. Diogo do Rosário é, neste aspecto, ainda uma mente medieval (e de Resende o mesmo pode ser dito⁴⁰). A edição de 1585 do legendário é a primeira que se afasta destes traços: tanto quanto pode, desdramatiza, atenua e elimina os traços mais fortes do texto das fontes, esbate-lhes os contornos carnis, higieniza-lhes o grotesco, suaviza sentimentos e atitudes. Em suma, oferece à leitura uma versão dos textos que

³⁹ V. o colofon d'*Ho Flos Sanctorum em linguaẽ portuguesa*, Lisboa, Hermão de Campos e Roberto Rabelo, 1513 (Biblioteca Nacional de Portugal Res. 157 V).

⁴⁰ Resende, como hagiógrafo, é um homem medieval. A Vida de Fr. Pedro, a única das suas composições hagiográficas que é completamente de sua autoria, não tem fontes escritas, resulta totalmente da experiência do seu autor e daqueles que conviveram com a personagem. Não tem, portanto, a justificação da mitificação que sofrem os textos à medida que as fontes se vão afastando dos acontecimentos que relatam. A narrativa espelha exatamente o universo mental dos seus informantes e estes são agentes de um ambiente tipicamente medieval, onde o universo da decifração das emergências diabólicas e a atitude do povo relativamente ao «santo vivo» e depois relativamente ao corpo são medievais e próprias de uma mente que pouco questionou uma realidade que devia começar a confrontar-se com a emergência do conhecimento científico.

se despoja de alguns dos seus traços ainda medievais e que talvez possa ser interpretada à luz do conceito de decoro tridentino recomendado para as artes.

Na sua sessão 25^a, a respeito «Da invocação, veneração, e Relíquias dos Santos, e das Sagradas Imagens»⁴¹, os padres conciliares, depois de validarem a veneração das imagens dos santos como representantes dos originais a que se referem, decretam o seguinte:

Se alguns abusos se tiverem introduzido nestas santas, e saudáveis observâncias, ardentemente deseja o santo Concílio se extingam totalmente; de modo que se não estabeleçam Imagens algumas do falso dogma, que dem aos rudes occasião de erro. E se alguma vez acontecer exprimir, e figurar em presença do povo indouto as historias, e narrações da sagrada Escritura, quando assim convier; seja instruído o povo, que nem por isso se figura a Divindade, com se podesse ver-se com os olhos, ou exprimir-se com figuras, ou côres algumas. Toda a superstição pois na invocação das Relíquias, e sagrado uso das Imagens seja extincta; todo o lucro sórdido desterrado; **toda a lascívia evitada**: de modo que as Imagens não sejam pintadas com **formosura dissoluta**, e os homens não abusem da celebração dos Santos, e visita das Relíquias, para glotonerias, e embriaguezes: como se os dias festivos empregados em luxo, e lascívia fossem em honra dos Santos. Em fim ponhaõ os Bispos nesta materia tanto cuidado, que **nada se veja desordenado, transtornado, ou posto em confusão, nada profano, nada deshonesto appareça**, pois á casa de Deos só convém a santidade. (42)

Estas normas tiveram um forte impacto na arte portuguesa e desde logo mobilizaram a acção dos Bispos, que exerceram severa «vigilância contra as figuras ousadas, aptas a sugerir comportamentos lascivos»⁴³ e que mandaram repintar numerosas pinturas «na segunda metade do século XVI e ao longo do XVII, por não corresponderem aos novos cânones decorosos impostos por Trento – caso das Virgens desmaiadas nos Calvários góticos e renascentistas, substituídas pelo ideal da Stabat Mater (a VirgemMãe de Deus de pé, controlando a dor)»⁴⁴.

A supressão de tudo o que possa representar ou suscitar lascívia e o domínio da

⁴¹ *O Sacrosanto, e Ecumenico Concílio de Trento em Latim, e Portuguez*, tomo II, Lisboa: na Officina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 1781, p. 347-357.

⁴² *O Sacrosanto, e Ecumenico Concílio de Trento*, tomo II, p. 353-354.

⁴³ SERRÃO, Vítor – *Impactos do Concílio de Trento na arte portuguesa entre o maneirismo e o barroco (1563-1750)*. In GOUVEIA, A. Camões; Barbosa, D. SAMPAIO; PAIVA, J. P. (coords.) – *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas. Olhares novos*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa-Universidade Católica Portuguesa, 2014, p. 103-132, v. p. 119.

⁴⁴ SERRÃO, Vítor – *Impactos do Concílio de Trento na arte portuguesa*, p. 118.

emotividade são, portanto, critérios decorosos que se generalizaram no universo mental das autoridades eclesiásticas. Representam a lascívia as descrições da Madalena ainda não convertida e podem entender-se como desordenadas, profanas ou desonestas referências escatológicas como as das variantes 177 da Madalalena e 119 do Fr. Pedro. Os decretos do Concílio são publicados em Portugal em 1564 mas não era de esperar que, logo depois, em 1567, o pregador Diogo do Rosário, habituado ao *pathos* oratório como estratégia de incitação à moralidade, tivesse já entendido o decoro tridentino em todas as suas dimensões, nomeadamente na dimensão literária.

O seu legendário sofrerá ainda diversas revisões no século XVI e nos seguintes, facto que revela, só por si, a longa fortuna que terá este legendário e a sua centralidade no conhecimento da hagiografia em época moderna. A edição de 1585 é a última que ainda usa o título original. A seguinte, de 1590, passa a usar o título *Flos Sanctorum*, sob a influência ibérica de uma nova fonte, o *Flos Sanctorum* de Alonso de Villegas, e representa uma nova etapa na vida deste legendário após a morte do seu autor.

Artigo recebido em 04/10/2021

Artigo aceite para publicação em 02/12/2021